

Insulto ao povo:

Generais investem contra as diretas

Na reunião com os quatro "presenciáveis" do PDS dia 15, Figueiredo soletrou o recado de seus ministros militares: nada de eleição direta; nada de povo na rua; e nada de "presenciáveis" des-

toando dessa cartilha. O plano, porém, deu errado — o veto dos generais não *colou*. É a luta do povo pelo direito de votar, que já produz seus efeitos.

Página 3.

A resposta: 80 mil no Rio



Numa resposta fulminante e mais do que merecida ao veto de Figueiredo e dos generais às eleições diretas, uma impressionante passeata de mais de 80 mil pessoas percorreu a Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro, quinta-feira, dia 16. Foi só a preparação para o ato gigante de 21 de março. E foi a prova de que as ameaças do Planalto, longe de intimidar, impulsionam a campanha pelas diretas já.

Um dia antes, em Macapá (138 mil habitantes), capital do território do Amapá, nada menos de 10 mil pessoas acorriam ao comício pró-diretas com a presença de Ulysses Guimarães e Doutor de Andrade. Terça-feira, em São Luiz do Maranhão, havia 15 mil pessoas na Praça. E na segunda-feira, em Teresina, Piauí, o comício teve mais de 30 mil.

O país inteiro coloca-se literalmente de pé. O noticiário do Rio de Janeiro e Minas está na pág. 3; o do Nordeste na pág. 8.

Comício em Teresina (378 mil habitantes): 30 mil na praça e firmeza nos discursos.

Mulher brasileira festeja 52 anos de direito ao voto

O lema da comemoração, que transcorre dia 24, não podia ser outro: "Direitos e Diretas". Pág. 4

EDITORIAL

Com medo do povo

Para justificar medidas de força contra as eleições diretas para presidente da República, os chefes militares alegam a possibilidade de uma "argentinização" do Brasil. Mas quando no país vizinho eram assassinados patriotas e democratas aos milhares, soterrados em campos de concentração, atirados ao mar, metralhados, estes mesmos generais jamais manifestaram preocupação desta natureza. E neste mesmo período, nos quartéis brasileiros ocorriam coisas semelhantes, com torturas e mortes sob a orientação do DOI-CODI, de homens e mulheres que se opunham ao regime instalado com o golpe de 1964 e piorado com a decretação do Ato 5 em 1968.

Qual é então o temor real desta oligarquia fardada, já que o fascismo e o massacre de pessoas nas câmaras de tortura lhes parecem coisa natural, aqui e na Argentina?

O grande problema, que tanto atormenta esta gente, é o povo nas ruas. Esta força poderosa, a única que tem condições reais de promover a democracia verdadeira no país, e que passou a se pronunciar com voz firme em gigantescas manifestações de massas nas praças públicas, deixa os generais acudados. Este movimento cívico, jamais visto com tanta evidência em nosso país, apesar de ainda inicial, atropelou todos os planos continuistas dos donos do poder. Povo e liberdade são duas coisas muito íntimas, que fazem tremer os generais. Por isto falam em revanchismo e em argentinização. O exemplo de democracia em nossas fronteiras representa-lhes uma ameaça — apesar de ser também ainda um processo que dá os primeiros passos, ainda débil e cheio de incertezas. E os faz ter saudade da outra "argentinização", a das espadas ensanguentadas, dos paus-de-arara, dos choques elétricos, do governo na base de ordens sem contestação.

É este temor doentio que leva o nosso país a viver horas de tensão, com a misteriosa convocação da reunião dos presenciáveis biônicos com o presidente da República.

E depois a assitir ao quadro deprimente do general Figueiredo lendo a nota que lhe escreveram, ridícula e patética, defendendo o indefensável Colégio Eleitoral e pregando a impossível unidade do PDS, já esfrangalhado em mil pedaços e em processo crescente de deterioração.

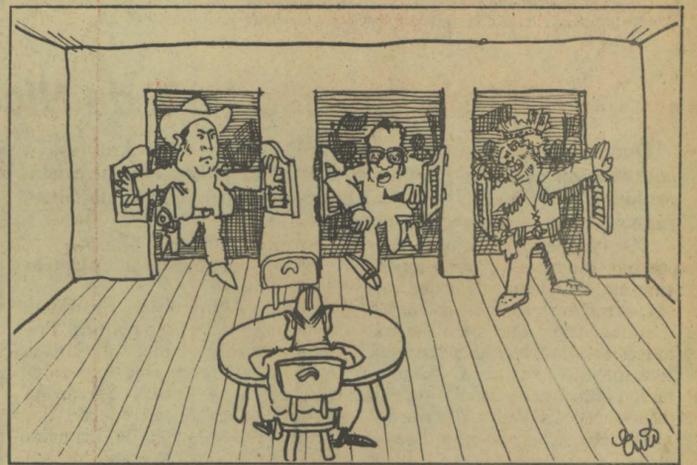
Tal reunião pode representar um sintoma golpista, por ora abortado. É sem dúvida sinal de novo agravamento da crise política, cada vez mais com conotações de crise do poder. Os donos do poder sentem que a campanha pelas diretas empolga o país e transforma-se num movimento irresistível. Tratam por isto de forçar uma saída. Falam em eleição em 88 e em 90, voltam a ensaiar o vergonhoso mandato-tampão. Desesperam-se mais ainda porque sentem que o impulso das massas acelera os rachas nas suas fileiras. Muitos parlamentares pedessistas já debandaram e agora até mesmo Aureliano Chaves, para parecer simpático à oposição, declara-se preferencialmente (!) pelas diretas — embora seja candidato ao Colégio Eleitoral, aumentando o pânico nas hostes governistas.

Tudo isto confirma que o Brasil precisa urgentemente de um novo governo. Não é mais possível tolerar que numa crise de tal envergadura se mantenha um presidente que anda de um lado para o outro, em inaugurações e visitas, que passa no Planalto três horas por dia em apenas uma parte da semana, que até para se reunir com presenciáveis do PDS é obrigado a ler uma nota de encomenda, porque não tem, ele mesmo, nada a dizer. Enquanto isto o Brasil é governado pelo FMI, que tem nos generais bons cumpridores de ordens mas incapazes de dirigir o país.

Urge multiplicar as manifestações de massas por eleições diretas já. O povo precisa ocupar o seu lugar, e estar atento a qualquer tentativa golpista, para conquistar o seu direito e garantir a democracia.

Prefeito deu o troco nos empresários que ameaçam parar ônibus

Numa ação fulminante o prefeito de São Paulo decretou a intervenção em várias empresas de ônibus que ameaçavam um *locoute*, caso a prefeitura não aumentasse as tarifas. O povo aplaudiu a medida. Pág. 8



O PC do Brasil 22 anos após a reorganização

Quando o partido se reorganizou em 1962, houve quem não lhe desse três entaladas.

Tchernenko ganha a briga de camarilhas no PCUS

O grupo de Andropov foi posto à margem da direção do social-imperialismo soviético. Pág. 2

Metroviários em luta pela estabilidade

Na batalha eles contam com forte Sindicato que realiza eleições após a intervenção. Pág. 5

480 mil metalúrgicos paulistas em campanha

A luta salarial começa a esquentar e há expectativa de grandes mobilizações. Pág. 5

CDM

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Nova troca de camarilhas na União Soviética revisionista

Rei morto, rei posto. Os revisionistas de Moscou trocaram de secretário-geral. Iuri Andropov, "com gripe" desde agosto — segundo o governo soviético —, morreu no dia 9, devido a um "colapso renal" e "complicações causadas por diabete". Konstantin Tchernenko, fiel colaborador de Brejnev, foi empossado secretário-geral do PCUS, quatro dias depois.

No dia da posse, Tchernenko já declarou que a corrida armamentista entre União Soviética e Estados Unidos continuará em seu reinado: "Jamais permitiremos (...) alterar o equilíbrio militar existente". Aliás, mesmo antes de ser anunciado como substituto de Andropov, foram divulgados discursos do velho dirigente afirmando que a URSS "tem um grande poderio militar e está em condições de fazer frente a qualquer desafio".

LUTA ENTRE CAMARILHAS

A troca de secretário-geral no PCUS indica, na verdade, que a luta entre camarilhas continua acirrada no Krêmlin. Tchernenko fora preterido na sucessão de Brejnev — a quem serviu com devoção desde 1950. Iuri Andropov, homem da KGB, abocanhou a secretaria-geral do partido revisionista, em 12 de novembro de 1982.

Andropov investiu contra o grupo adversário e tratou de promover homens de seu grupo a cargos do Partido e do Estado. Afastou



O grupo de Brejnev volta ao poder, agora comandado por Tchernenko

Tchernenko da chefia do Departamento Geral do PCUS; Kirilenko "pediu demissão" do Burô Político; o vice-ministro do Interior, general Iuri Churbanov (genro de Brejnev), foi afastado do cargo por corrupção, e o ministro general Nikolai Shchelokov (amigo íntimo de Brejnev), foi substituído por Vitaly Fedorchuk, oficial de carreira da KGB. Ao todo, o ex-chefe da KGB trocou 19 dos 89 ministros, afastou 25% dos chefes re-

gionais do partido e mudou os titulares de 23 departamentos do Comitê Central — no próprio CC Andropov não pôde fazer mudanças, já que estas só ocorrem em congressos do partido, e o último, em 1981, foi presidido por Leonid Brejnev. O novo chefe do Krêmlin ainda vociferou contra "a 'super-organização' burocrática" e "o formalismo" existentes na União Soviética, mas não chegou a mudar nada.

Parece que Andropov não foi muito hábil nas suas articulações. Nove meses após assumir a secretaria-geral do PCUS, e apenas dois meses depois de ser designado presidente do Soviete Supremo (chefe do Estado), Andropov foi afastado da vida pública, "com gripe".

AFASTAMENTO POR "GRIPE"

Nikolai Tchernenko, que no tempo de Brejnev era um assessor direto do chefe de Estado, passou a representar o Comitê Central nos eventos importantes do país (presidiu, por exemplo, as comemorações do aniversário da Revolução de Outubro). Ao mesmo tempo, multiplicaram-se os artigos de militares sobre economia, diplomacia e política — algo inusitado na URSS. E, no episódio da derrubada do jumbo coreano em setembro (com Andropov "gripado", portanto), foi o marechal Nikolai Orgakov, e não um homem do governo, que prestou esclarecimentos à imprensa nacional e internacional...

SOCIAL-IMPERIALISMO

Assim, a posse de Tchernenko na secretaria-geral do PCUS, após a morte de Andropov, dá indícios de que não é apenas uma troca de homens, mas uma troca de camarilhas no poder. Entretanto o conteúdo do sistema social e da política soviética não foi trocado. Sua essência é o social-imperialismo, inimigo dos povos e da revolução. (Carlos Pompe).

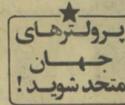
Comunista é torturado até a morte no Irã

O Partido do Trabalho do Irã (marxista-leninista) emitiu um comunicado denunciando que "Godrat Gazli", membro do Comitê Central e do Burô Político do PTI, morreu como mártir, depois de sofrer os mais selvagens e brutais maltratos dos torturadores de Khomeini.

Segundo o PTI, o assassinato de "Godrat" é "um grande e inolvidável golpe para nós; à Frente do Partido, ele era um grande inspirador de nossos camaradas. Nosso Partido o amava muito, e ele lhe era precioso. O camarada 'Godrat', filho das lutas tumultuosas de nosso povo, era um valeroso comunista e um grande organizador. Lutou durante muitos anos na organização 'Touhfan' e, depois, no Partido foi um dos fundadores do Comitê Ahmad Ghassemi e do Comitê de Mazandaram. Ele travou durante longos anos uma heróica luta pela reconstrução do Partido da classe

operária do Irã e consagrou sua vida à revolução iraniana e à divulgação do marxismo-leninismo. 'Godrat' educou uma geração de comunistas revolucionários em cuja frente se encontrava o camarada e mártir Djanbarar Rouhi, fuzilado pelo regime".

O Partido do Trabalho do Irã ainda destaca que "Godrat" foi detido "pela Savak do regime do Xá e foi muito torturado, mas não se dobrou e foi solto pouco depois. Mas o regime sanguinário de Khomeini, após haver torturado e depois fuzilado seu heróico irmão, o membro do 'Touhfan' Darius Fazili, em setembro de 1983, volta-se agora raivosamente contra nosso camarada e o assassina com as mais bárbaras torturas, apagando mais esta estrela da resistência. Atualmente, sua heróica esposa, que acaba de ter um filho na prisão, sofre as mais desumanas torturas".



Criminoso bombardeio dos EUA em Beirute

Após os criminosos bombardeios do encouraçado *New Jersey* contra Beirute Oeste, o imperialismo ianque prossegue suas manobras diplomáticas e ações de cunho aventureiro, buscando salvar o combalido e isolado regime de Amin Gemayel e conter a ofensiva dos milicianos drusos, xiitas e sunitas, que exercem virtual controle sobre a capital libanesa. Em vários países realizam-se protestos contra o ataque ianque ao Líbano, como a passeata ocorrida dia 14 em São Paulo.

Agora a Casa Branca pretende substituir as "forças de paz" dos EUA, Inglaterra, França e Itália por tropas da ONU, mantendo, naturalmente, a Sexta Frota ao largo de Beirute e tropas israelenses no Sul do Líbano. Contudo a oposição em bloco mantém a exigência de renúncia de Gemayel, de denúncia do acordo assinado com Israel em maio de 1983, lesivo à soberania nacional do Líbano, e de retirada incondicional de todas as tropas de ocupação.

Myslim Peza, herói do povo albanês

Morreu no último dia 8, em Tirana, aos 87 anos de idade, o herói do povo albanês Myslim Peza. A informação, divulgada pela agência noticiosa ATA, consterna a todos os que acompanham as lutas do povo albanês na revolução e na construção do socialismo. A *Tribuna Operária* rende homenagem neste artigo à memória do revolucionário exemplar Myslim Peza.



Myslim, durante a luta, com seus guerrilheiros e ao lado de Enver Hoxha

O nome de Myslim Peza projetou-se na Albânia logo depois que as hordas de Mussolini ocuparam o país, em 7 de abril de 1939. O povo albanês desde o primeiro momento resistiu aos ocupantes, com manifestações de massas, escaramuças e choques armados, nas cidades e no campo. Não possuía, na época, um partido revolucionário capaz de conduzir sua luta, mas fervia de sentimentos patrióticos e antifascistas.

Myslim Peza esteve entre os primeiros organizadores da resistência ao invasor. Recebeu os fascistas de fuzil em punho. E organizou os primeiros destacamentos guerrilheiros, na aldeia de Peza — região coberta de colinas a apenas 18 quilômetros de distância de Tirana, ou seja, nas barbas do inimigo. A guerrilha de *Baba Myslim* ("Papai Myslim"), como era chamado, logo transformou-se em legenda e símbolo da luta antifascista.

Por isto mesmo o Partido Comunista da Albânia, logo após sua fundação em 8 de novembro de 1941, tratou de procurar o intrépido comandante guerrilheiro para expor-lhe sua linha de união de

tudo o povo para a expulsão das tropas invasoras e a libertação da pátria.

Justamente em Peza, e com a participação ativa de Myslim, realizou-se a histórica conferência de setembro de 1942, que criou a Frente Antifascista de Libertação Nacional.

No calor da luta, combatendo lado a lado com os comunistas, Myslim abraçou suas idéias e ingressou no Partido, militando em suas fileiras até o fim de seus dias. Após a libertação, nos anos de construção do socialismo, foi eleito várias vezes deputado à Assembleia Popular e membro do Conselho Geral da Frente Democrática, além de receber a medalha de Herói do Trabalho Socialista.

Myslim Peza morreu no ano em que se comemora na Albânia o 40º aniversário da libertação nacional e do triunfo da revolução popular. O povo albanês continua sua obra mantendo a mesma firmeza de *Baba Myslim* na construção do socialismo e na defesa da pátria. (José Reinaldo, diretor cultural da Associação de Amizade Brasil-Albânia).

"Uma invasão faria da Nicarágua um novo Vietnã"

Quem faz esta afirmação é o deputado federal Aldo Arantes, coordenador do Bloco Popular do PMDB de Goiás, em entrevista exclusiva à *Tribuna Operária*. Aldo esteve recentemente na Nicarágua, a convite do governo sandinista.

TO: Comenta-se muito uma possível intervenção norte-americana na Nicarágua. Pelo que você viu, acredita que ela se realizará?

Aldo: Acho que uma invasão americana na Nicarágua representará um novo Vietnã. Os EUA só terão condições de fazer isto se colocarem de 150 mil a 200 mil soldados em ação. E caso Reagan efetive algo desta natureza, o imperialismo norte-americano será derrotado mais uma vez, como foi no Vietnã. Acho que ele não tomará esta decisão.

O que o governo americano está fazendo é estimular e financiar a ação dos contra-revolucionários somozistas e de gente como Eden Pastora, além de empurrar as agressões realizadas pelo exército de Honduras. Tenta, assim, criar um clima que impossibilite, ou dificulte, o processo de reconstrução deste país pobre, extremamente sofrido, arruinado pelos somozismos e ainda profundamente abalado pelo terremoto que causou cerca de 50 mil mortes em 1972. Ou seja, os Estados Unidos fazem tudo para sabotar o processo de libertação do país, para restaurar o sistema de espoliação do povo da Nicarágua. Acho que nós todos, os patriotas, os democratas, temos uma grande responsabilidade de manifestar solidariedade à luta do

povo nicaraguense. **TO:** O governo sandinista tem apoio do povo?

Aldo: O governo da Nicarágua tem uma sólida base política. Primeiro porque tomou iniciativas econômicas de enorme importância, como as ligadas à reforma agrária, à enérgica redução dos preços dos gêneros de primeira necessidade e a uma série de outras no terreno da educação, como por exemplo, a campanha de alfabetização de adultos, que num prazo de pouco mais de três meses alfabetizou praticamente todo o povo da Nicarágua, e as campanhas de saúde pública, que mobilizaram cerca de 25 mil jovens só para a vacinação de crianças contra a poliomielite.

Além destas medidas, que respondem às aspirações populares no terreno econômico-social, existe um poderoso processo de mobilização de massas para a participação do povo na vida política. Através da Central Sandinista dos Trabalhadores, das organizações de mulheres, da juventude, das milícias populares, o povo se organiza por todo lado para participar das decisões sobre os destinos do país.

Há, por exemplo, um programa de televisão em que a Junta de Governo responde a perguntas fei-



Manifestação popular em Manágua contra o imperialismo americano

tas pelo povo. Eu tive a oportunidade de assistir a um programa dessa natureza, em que os ministros de Estado estavam sentados ao lado de trabalhadores respondendo às suas perguntas sobre transporte, sobre a polícia sandinista, sobre a reforma agrária, enfim sobre questões gerais da política nacional. É claro que isto infunde um alto grau de confiança e respeitabilidade a esse governo e lhe garante uma estabilidade política segura.

TO: Você acha que a experiência da Nicarágua pode ser aplicada no Brasil?

Aldo: O que havia de comum entre a Nicarágua e o Brasil era a existência de uma estrutura social antidemocrática e o desejo do povo de encontrar formas de libertação e de independência nacional.

É sabido que toda experiência internacional tem leis gerais que servem para todos os outros países. Mas em cada um deles existem particularidades. Nós temos que compreender o processo revolucionário geral, estudar as lições como a da Nicarágua, mas aplicar estes conhecimentos na nossa realidade concreta.

TO: Qual a importância da solidariedade internacional à Nicarágua?

Aldo: A solidariedade à Nicarágua tem crescido muito. Este apoio político, não só nos países da América Latina como na Europa e mesmo dentro dos Estados Unidos, é que tem impedido que o imperialismo americano adote uma posição mais agressiva em relação ao povo e ao governo da Nicarágua.

Por que assino a Tribuna Operária

"A *Tribuna Operária* tem sido um importante instrumento para trazer à tona a profundidade da crise vivida pelo país e a falsa saída do regime. Ela contribui para que o povo se conscientize e se organize na luta pela construção de uma sociedade verdadeiramente democrática. Conclamo a todos os democratas a que leiam, divulguem e assinem a *Tribuna Operária*". Aldo Arantes, deputado federal do PMDB-GO.



Desejo receber em casa a Tribuna Operária. Envio cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda., no valor abaixo assinalado. Rua Adoniran Barbosa, 53 - Bela Vista - São Paulo, SP - CEP 01318.

() Anual de apoio (52 edições) Cr\$ 15.000,00
 () Anual Comum (52 edições) Cr\$ 7.500,00
 () Semestral de apoio (26 edições) Cr\$ 7.500,00
 () Semestral comum (26 edições) Cr\$ 3.750,00

Nome:
 Endereço:
 Cidade: Estado: CEP:
 Profissão: Data:

DI...
 Fundação de Documentação e Memória
 Fundação Maurício Grabois



Líderes cristãos apóiam campanha

Não era assunto da pauta, mas as eleições diretas acabaram sendo discutidas no encontro ecumênico de dirigentes de igrejas cristãs de São Paulo, realizado em Taboão da Serra. Um dos signatários do documento é o arcebispo de São Paulo, Evaristo Arns. Os dirigentes cristãos declaram-se "sensíveis ao enorme movimento popular visando ao restabelecimento imediato das eleições diretas".

Pedessista quer voto por diretas

Em Rondônia o deputado federal Francisco Erse, do PDS, disse que vai procurar todos os seus colegas de partido no Estado para pedir que votem a favor da emenda Dante Oliveira, pró-diretas: "Quem for contra estará negando a própria existência política", afirmou o pedessista.

Krause adere ao grupo pró-diretas

O vice-governador de Pernambuco, Gustavo Krause, formalizou dia 10 sua entrada no grupo pró-diretas do PDS "como mais um militante submetido à sua estratégia de trabalho". Ele afirmou que para ele "a questão não é ser contra ou a favor das diretas. Mas estar a favor ou contra um desejo expresso de toda a Nação, que quer eleger o sucessor do presidente Figueiredo".

Diretoteca em São Paulo

Em breve começará a correr em São Paulo a "Diretoteca": uma loteria com o nome dos deputados federais paulistas de todos os partidos e três alternativas: se é contra, a favor ou indeciso quanto às diretas. O apostador que acertar receberá um gorro prêmio. A outra fatia da arrecadação financiará a caravana a Brasília no dia da votação da emenda Dante Oliveira. A ideia é da comissão de eventos do Comitê Pró-Diretas.

Os escritores entram na briga

A União Brasileira de Escritores entrou oficialmente na campanha pelas diretas. Num manifesto "Ao Povo Brasileiro" a entidade afirma: "Os escritores brasileiros juntam-se à vontade nacional para, com as eleições diretas, assistir ao desmoronamento da mais prolongada ditadura da História do Brasil, batendo-se pela instalação de uma Assembleia Nacional Constituinte".

Roberto Carlos é pelas diretas

"Sou a favor das eleições diretas porque acho que o povo tem o direito de escolher seus governantes, inclusive o presidente da República". A declaração é do cantor Roberto Carlos, que pela primeira vez na sua carreira artística aceitou falar sobre política.

Mineiros 24 horas pelas diretas

Dentro da programação das "24 horas pelas diretas", promovido pelo Sindicato dos Jornalistas de Minas, realizou-se no dia 10 uma passeata pelo centro de Belo Horizonte com mais de mil pessoas. Também houve uma prévia eleitoral: três parlamentares do PDS mineiro votaram contra as indiretas e José Aparecido, secretário de Cultura que representou o governador Tancredino Neves.

UBES quer formar Comitê Nacional

A União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES), está enviando uma circular a várias entidades

Passeata de 80 mil cariocas responde ao veto do Planalto

A "passeata preparatória" pelas diretas no Rio de Janeiro, na noite de quinta-feira, dia 16, superou as expectativas mais elevadas. Entre os que percorreram a avenida Rio Branco, cantando o Hino Nacional debaixo de papel picado, e os que já apinhavam a Praça da Cinelândia para o comício que se realizou depois, os participantes superaram 80 mil.



De forma combativa e organizada, o povo gritou bem alto pelo fim do regime militar, pediu a cabeça do Delfim, vaiou a Coroa Brastel, exigiu diretas já. E cantou também marchinhas bem cariocas como esta: "Oh Figueiredo porque estás tão triste/ Mas o que foi que te aconteceu/ Foi a ditadura que caiu do galho/ E a indireta que desapareceu"...

Para o diretor da ABI e membro do Comitê Pró-Diretas, Augusto Villas Boas, este êxito absoluto deve-se à ação do Comitê e ao anseio do povo, "que vem forjando sua unidade". O deputado federal Brandão Monteiro, do PDT, justificou a ausência do governador Brizola alegando que "esta manifestação foi apenas preparatória do grande comício de 21 de março". Mas fez questão de ressaltar, assim como Jorge Gama, do PMDB, que o êxito da campanha é fruto da unificação do povo e dos partidos de oposição.

No comício, pronunciaram-se várias entidades e todos os partidos oposicionistas, inclusive o PC do B, representado por Rogério Lustosa. Lustosa frisou que "o PC do Brasil, que luta de forma decidida pelo fim do capitalismo, hoje está disposto a se unir - e o demonstra - com todas as correntes que lutam pelas eleições diretas, a forma pela qual o povo brasileiro optou para pôr fim ao regime".

No Rio de Janeiro, os comitês pró-diretas, que eram três na época de comício de 25 de janeiro em São Paulo, hoje são 50, em treze municípios, dezoito bairros cariocas e várias categorias profissionais. Chapas sindicais concorrentes se unem para levar a campanha às fábricas, como no caso dos metalúrgicos. O Comitê Pró-Diretas (CPD), sediado na ABI, já reúne mais de cem entidades e todos os partidos de oposição.

BRIZOLA RELUTANTE

Nem tudo, porém, são flores. Um delicado problema surge com a relutância do governador Leonel Brizola em engrossar a campanha. Brizola não foi à passeata, nem deu-lhe ajuda concreta, ao contrário de muitos outros membros do PDT. O prefeito carioca, Marcelo Alencar, pressionado pelo comandante do 1º Exército que queria impedir a manifestação, chegou a anunciar que as tropas estariam de prontidão, semeando temores. Funcionários do Estado arancaram vários cartazes e apagaram pichações, descumprindo um compromisso assumido pelo Governo.

Na opinião unânime do CPD, a campanha não tem dono, exceto o povo. E é fundamental que tenha um apoio efetivo do governador Brizola, cuja atitude até agora tem gerado perplexidade e expectativa. (da sucursal)



Comícios em bairros estão sendo realizados para convocar o grande ato do dia 24

Minas Gerais promete comício com 100 mil para o dia 24

Com seu grande comício marcado para o dia 24, Belo Horizonte vive a movimentação da campanha pelas diretas. Espera-se a presença de 100 mil pessoas. A Praça Sete, local de maior trânsito da cidade, é hoje ponto de encontro da Campanha Pró-Diretas, onde entidades e comitês se revezam em manifestações desta luta que empolga a cidade.



O Comitê Suprapartidário, formado pelo PMDB, PT, PDT, PTB e representações do movimento popular, avança em sua movimentação. Ele garante a infra-estrutura e o trabalho de divulgação (300 faixas, 400 mil cartazes, 200 mil adesivos, 50 mil plásticos e 1 milhão de panfletos).

O comitê formado por entidades populares, sindicais, democráticas e personalidades, continua funcionando com suas plenárias reunindo uma média de 300 pessoas. Os objetivos deste comitê, como informa Dalva Stela (presidente da Federação dos Bairros), são garantir a mobilização popular e a continuidade da luta.

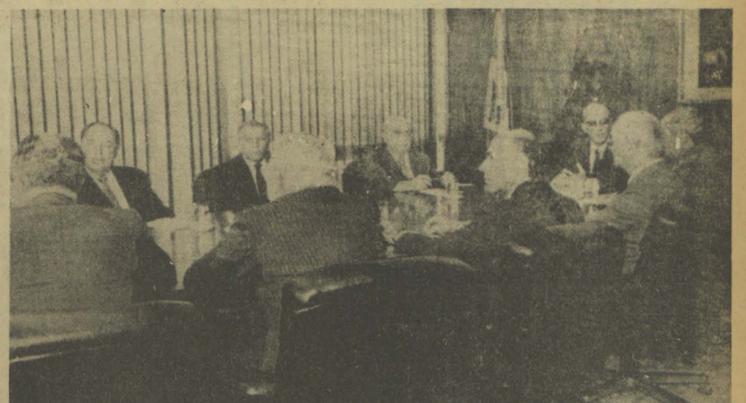
CONTRIBUIÇÃO DOS ARTISTAS

Também o Comitê dos Artistas Pelas Diretas dá efetiva contribuição nesta luta, participando das atividades promovidas pelo movimento popular, e também através de promoções próprias, com a realização de minieças, shows de música, varais de poesia e pintura de painéis. Em visita ao governador Tancredino Neves, Milton Nascimento, Wagner Tiso e Gonzaguinha confirmaram sua participação no grande comício e se comprometeram a arregimentar artistas de outros Estados.

Merecem destaque também os comícios zonais na periferia da capital

mineira. São experiências ricas, onde o povo participa na confecção de faixas, cartazes e pichações. Previamente são realizadas caminhadas no bairro sede do comício. Numa dessas caminhadas, o verdureiro Sebastião dos Santos, do Bairro Alto Vera Cruz, comentou: "A situação está preta, a carestia está demais. É difícil até vender, que nem eu, que ganho a vida vendendo tomates. É muita crise. Para sair, só mudando o governo, só com eleições diretas". O comício nesse bairro teve a adesão de 2.500 pessoas.

Com seus estandartes vermelhos, a participação da Comissão pela Legalidade do PC do Brasil dá uma nova tonalidade ao cenário político do Estado. A Comissão tem se pronunciado em todos os comícios, participado ativamente do Comitê Popular. Sérgio Brito, representante da Comissão, destaca que o comício do dia 24, além de ser um desdobramento da campanha pelas diretas no país, poderá decidir "o destino de propostas conciliatórias no seio da oposição, como a tese do 'consenso', que tem em Minas a base de sua articulação. Por isso, um comício massivo e combativo é fundamental. Será um golpe nestas teses e significará uma vitória do movimento democrático e popular na luta mais firme contra o regime militar". (da sucursal)



A reunião: Figueiredo, ladeado por três generais, diante dos "presidenciáveis" do PDS

Generais tentam conter campanha pelas diretas

Sobre a já famosa reunião de quarta-feira dia 15 entre Figueiredo e os quatro "presidenciáveis" do PDS, pode-se dizer que a montanha pariu um rato. Os generais no poder tentaram pôr um freio na campanha pelas diretas, com seu veto formal, e estabelecer o regime de ordem unida para os "presidenciáveis". Não conseguiram nem uma nem outra coisa.

O prólogo da tragicomédia foi dia 10: os quatro ministros militares visitaram Figueiredo em casa e lhe disseram que não toleram as multidões que saem às ruas pelas diretas. Primeiro ato, segunda-feira: os generais voltam a Figueiredo, agora com um longo documento contra as diretas, contra a campanha e contra a bagunça sucessória reinante no PDS. Era a entrada em cena oficial da cúpula militar na crise da sucessão. Segundo ato, terça-feira: Figueiredo convoca, com "urgência", uma reunião com os "presidenciáveis" que voam às pressas para Brasília. O país se enche de boatos, até sobre uma renúncia do general-presidente. Terceiro ato, quarta-feira no Palácio do Planalto: Figueiredo lê para os "presidenciáveis" um discurso com o recado dos generais. Quer que ninguém mais fale em diretas, e que os quatro se comprometam a apoiar no Colégio Eleitoral o que vencer na Convenção do PDS. Maluf e Andreazza, como era de esperar, concordam. Aureliano e Maciel, não aceitam. Ninguém assina nada. Continua tudo como dantes. A reunião gorou. Vaia e assovios na platéia.

OS GENERAIS EM CENA

Se foi uma reunião inócua, pífia, ridícula, como vem sendo descrita, nem por isso o episódio deixa de ser importante, grave, e sintomático.

Ele assinala o ingresso dos generais na cena da crise sucessória, já não através de fantoches, mas pessoal e oficialmente. É a cara hedionda da ditadura militar que volta a aparecer, por baixo da maquiagem da "abertura". A cúpula das Forças Armadas escreve e assina em baixo que não aceita o pleito direto. Diante da perspectiva de caravanas e pressões do povo sobre Brasília, durante a votação da emenda Dante de Oliveira, ameaça com o uso da força e a instauração da emergência.

A CAMPANHA FUNCIONA

Uma segunda evidência é que a campanha de massas pelas diretas já está produzindo seus efeitos mortais sobre o regime. Aquilo que o porta-voz do Planalto descrevia desdenhosamente como uma "dança da chuva" começa a fazer chover torrencialmente, dado o número de índios e pajés, a força dos patuás, a energia dos passos. O próprio processo sucessório biónico através do Colégio Eleitoral vê-se constrangido à mais completa defensiva. O regime como um todo perde o sono com medo das diretas.

Naturalmente não é hora de se dormir sobre os louros. A campanha está apenas em seu início. E os episódios da semana evidenciam que os donos do poder estão decididos a jogar pesado contra as diretas, atirando contra



elas inclusive os tradicionais instrumentos da ditadura. Isto, contudo, é também uma amostra de fraqueza e um sintoma de desespero.

O CASO AURELIANO

Por fim, o episódio alarga a brecha entre o sistema de um lado e Aureliano Chaves de outro (este secundado com discreção por Marco Maciel). Aureliano sabe que não tem chance na Convenção do PDS, exceto se jogar com a pressão das diretas. Daí a ambígua conduta do vice-presidente, que faz, por assim dizer, uma campanha indireta através das diretas: proclama-se homem do regime, fiel a Figueiredo, enquanto diz que se fosse deputado votava a favor do pleito popular. É mais uma tentativa de funcionar como ponte entre o governo e a oposição, na expectativa de abocanhar a presidência caso o confronto entre povo e regime resulte numa coluna do meio.

OPINIÃO

Força total na campanha pró-diretas!

A desastrada tentativa Figueirediana de retomar as rédeas da sucessão, com a reunião de quarta-feira, cria condições ainda mais propícias ao avanço da campanha pelo voto direto para presidente.

Ficou patente de um lado que o eco das multidões nas ruas começa a produzir seus efeitos. E, de outro, que estes ainda não foram suficientes para uma viragem decisiva na correlação das forças em confronto.

Pode-se dizer assim, sem medo de momentos decisivos. Daí a necessidade de redobrar, multiplicar os esforços para dar mais força à campanha. É isto significa antes de mais nada jogar todo peso no grande fator dinâmico desta luta que é o povo na rua, unido, disposto a fazer valer seus direitos e organizado, tanto quanto possível, nos comitês unitários pró-diretas.

Aumentar também, portanto, a responsabilidade que pesa sobre as forças políticas engajadas no movimento. Cabe a elas responder com presteza e garra ao desafio colocado.

Militares não julgam Meneghelli



Meneghelli, processado na LSN

Após sete horas de audiência, a Justiça Militar de São Paulo se declarou incompetente para julgar o presidente e o vice-casados do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, Jair Meneghelli e Vicente Paulo, processados na Lei de Segurança Nacional. A decisão do Conselho de Justiça da 2ª Circunscrição Militar, tomada na tarde de quinta-feira, foi comemorada por mais de 200 operários e sindicalistas em frente ao prédio. "Foi uma grande vitória", avalia o advogado Luís Eduardo Greenhalgh, para quem "aos poucos vamos descaracterizando os crimes de greve e qualquer atrito que surge na luta dos trabalhadores, quase sempre enquadrados na LSN. Agora os dois diretos serão julgados pela justiça comum. Eles são acusados de terem ofendido o general Figueiredo, taxando-o de "canibal" e "ladroão" por ter anunciado o decreto-lei 2.012.

O tempo mostrou que o PC do Brasil é uma exigência histórica

Há 22 anos, em 18 de fevereiro de 1962, um pequeno número de militantes fiéis à revolução, reunido em São Paulo, reorganizava o Partido Comunista do Brasil. Na época, os antigos dirigentes que haviam aderido ao oportunismo sorriram com ironia e profetizaram que o PC do B não ia durar três semanas. O tempo mostrou a que ponto estavam enganados.

Certos fatos na vida de um partido, uma classe, um povo precisam ser vistos à luz não de seus efeitos imediatos, mas de sua projeção na história. A reorganização do PC do B pertence a essa categoria especial.

Os reorganizadores do partido eram apenas umas poucas centenas, embora contassem com um núcleo dirigente provado na luta — João Amazonas, Maurício Grabois, Pedro Pomar e Ângelo Arroio, entre outros. Na aparência tudo favorecia o êxito do oportunismo de direita: o PCUS de Nikita Kruschov capitaneava um surto revisionista no mundo; no Brasil, a maré reformista crescia sob o governo Goulart; dentro do partido, os adeptos do oportunismo, nos postos de mando, chegaram ao cúmulo de modificar o Programa, os Estatutos e o próprio nome Partido Comunista do Brasil. Na prática criaram outro partido, revisionista, o PC Brasileiro.

ESPÍRITO DE PRINCÍPIOS

Os participantes da Conferência de reorganização tiveram o mérito histórico de enxergar para além da conjuntura adversa. Pautaram-se pelos princípios do marxismo-leninismo, pelos interesses objetivos do proletariado e do povo: ao constatar que a traição revisionista tornara-se irreversível, restauraram em suas tradicionais bases revolucionárias o partido fundado em 1922. Elaboraram um "Manifesto-Programa" fixando as bases programáti-

cas e estratégicas ainda hoje atuais da revolução no Brasil. E atiraram-se ao trabalho junto às massas operárias e populares.

O rompimento com o oportunismo em 1962 traz ensinamentos de valor permanente. Mostra que um partido comunista que mereça este nome precisa de flexibilidade na estratégia e na tática mas também, a todo custo, de firmeza de princípios. Com os princípios revolucionários do marxismo-leninismo não se trafica. A flexibilidade consiste em aplicar estes princípios à realidade concreta, complexa e mutável; jamais em negá-los.

A DURA PROVA DA LUTA

O período decorrido desde então foi o mais difícil, heróico e grandioso das lutas de nosso povo. Compreende os movimentos populares de 62-64, o golpe militar, o terror fascista, a resistência intrépida do povo, a guerrilha do Araguaia, o novo ascenso das lutas a partir de 78, a decadência do regime. E desemboca na já histórica campanha por eleições diretas, o maior movimento político de massas que o Brasil já viu.

O PC do B foi submetido a duras provas. A ditadura matou perto de uma centena de seus melhores militantes. Também a linha do partido teve de passar pelo crivo severo dos embates políticos.

22 ANOS DEPOIS

Passados 22 anos, constatamos que o partido passou no teste. Sua li-

nha revolucionária, confirmada pela vida, conquistou a consciência de parcelas consideráveis do povo, impulsionando os êxitos de sua luta. Não cometeu erros graves e, quando errou, soube corrigir-se a tempo e com rigor, mostrando seriedade. Tornou-se assim uma força política enraizada entre as massas, respeitada por seus aliados, temida pela reação.

As poucas centenas de militantes de 1962 se multiplicaram. O PC do Brasil estruturou-se nacionalmente, dando prioridade à classe operária. Estendeu sua organização nas fábricas, no campo, nos bairros populares, entre a juventude e as mulheres; atua nos sindicatos e outras entidades, no Parlamento, nos movimentos de frente, no plano da luta de idéias.

Hoje, com o acirramento da luta pelo fim do regime e em especial com a adesão de grandes multidões à campanha pelas diretas, também a ação do PC do B avança. Constatamos uma presença mais aberta do partido, com bandeiras próprias e falando às massas em seu próprio nome. O povo, ao ganhar as ruas, garante na prática este direito dos comunistas.

A TRAJETÓRIA DO PCB

O caminho do PC Brasileiro foi bem outro. O golpe e a ditadura logo dissiparam a conjuntura favorável às ilusões reformistas. Toda pregação sobre o caráter democrático das Forças Armadas, a via pacífica para o socialismo etc., esboroou-se. O PC Brasileiro entrou em decomposição.

Ainda na década de 60 várias cisões se produziram, levando às vezes ao reforço do PC do B e às vezes à formação de grupos revolucionários pequeno-burgueses, de curta existência. Após a Anistia, teve início outra onda de divisões. "Prestistas", "giocondistas", "eurocomunistas" e afins atacam-se num combate em que a ausência de princípios de parte a parte torna difícil definir campos com clareza.

Assim, no mesmo momento em que os "giocondistas" anunciam afinal ter realizado seu "Encontro" — noticiado na imprensa como o Congresso do PCB —, um grupo dissidente de São Paulo lança seu jornal próprio para defender idéias discordantes. Na direção giocondista, além das ausências — como a de Prestes, aliado há tempos —, nota-se a convivência de diferentes alas que se mimoseiam com rasteiras em público.

O resultado dessa decomposição tem sido uma visível queda da influência do partido revisionista, evidenciada pelos resultados eleitorais de 1982, em que se reduziu a bancada dos deputados federais os quais se identificam com ela, apesar da prioridade dada à luta parlamentar.

Temos, portanto, duas trajetórias rigorosamente opostas, tanto por seu sentido como pelo resultado que geraram: a do PC do B e a do PCB. Ambas, entretanto, confirmam a justiça dos que, em 1962, impediram que a bandeira vermelha do Partido Comunista do Brasil fosse arriada. Hoje ela tremula pelo país inteiro.

(Bernardo Joffily)



Sufragistas saem às ruas para defender o direito de voto para as mulheres no Brasil

Mulheres lutam por "Direitos e Diretas"

O movimento de mulheres do Brasil ganhou novo ímpeto com a campanha nacional por eleições diretas para presidente da República. Descobrimos uma nova forma de romper os grilhões da vida doméstica, elas saíram às ruas aos milhares, imprimindo maior amplitude e consistência à luta pelas diretas.

Pela primeira vez nos últimos anos, o movimento feminino conquistou unidade de ação, já que as diversas tendências encontraram nas eleições diretas um ponto de luta comum. Como afirmou Télia Negrão, secretária-geral do PMDB feminino do Paraná e integrante do Comitê Estadual Pró-Diretas, "pela primeira vez as mulheres paranaenses conseguiram dar um passo rumo à unidade, num sinal evidente do amadurecimento do movimento de mulheres".

Oportunamente, relembrou-se o 24 de Fevereiro — 52º aniversário da conquista do voto feminino no Brasil, fruto de longa e árdua luta (veja box) —, que será comemorado em alguns Estados. Em São Paulo, haverá uma grande passeata liderada pelas entidades femininas e apoiada pelo Conselho da Condição Feminina, órgão do governo peemedebista. A manifestação terá um caráter de frente, reunindo diversas entidades e distintas correntes políticas.

A LUTA CONTINUA

O 8 de Março este ano também terá este caráter. Embora caia no dia seguinte à quarta-feira de cinzas, as mulheres não deixarão passar a data em branco: seu Dia Internacional será marcado por comícios, atos e passeatas. Em São Paulo será realizado um ato às 17 hs, na Câmara Municipal, com o slogan "Direitos e Diretas", o mesmo utilizado no Paraná e em outros Estados. Além de fortalecer a campanha pelo livre direito de voto para presidente da República, as mulheres pronunciar-se-ão contra a ingerência do FMI na política de controle de natalidade, contra a violência à mulher, por creches e por um novo Código Civil que dê igualdade de direitos a homens e mulheres.

É nestas lutas, as quais

mobilizam todo o povo, e na defesa de suas reivindicações específicas, como novo Código Civil e creches nos locais de trabalho e moradia, que o movimento pela emancipação da mulher vai ganhando força. E a participação deste setor da população é indispensável para o sucesso de qualquer luta, assim como para a construção de uma sociedade igualitária, sem

opressores e oprimidos.

A participação das massas femininas é uma das garantias do êxito da luta de todo o povo por um mundo justo; o movimento contra as discriminações, os preconceitos e os tabus que rebaixam a condição feminina, contribui para o avanço da humanidade. Aproveitando essa mobilização em curso, as entidades femininas têm diante de si a tarefa de organizar as mulheres em torno de suas reivindicações a curto, médio e longo prazo, para elas conquistarem sua maioria.

(Olivia Rangel)



Berta Lutz defende os direitos das operárias nos EUA em 1945

A conquista do voto

A crescente urbanização e a rápida evolução industrial na década de 30 ampliam a participação da mulher além das fronteiras do "lar". O trabalho extra-doméstico deixa de ser considerado uma "desgraça", e cresce, cada vez mais, o número de professoras, enfermeiras, empregadas do comércio, datilógrafas, funcionárias públicas, telefonistas.

É nesta década que as mulheres brasileiras conquistam o direito de voto, em 24 de fevereiro de 1932, depois de uma longa campanha que vem desde o início da década de 20, liderada pela zoóloga e advogada Berta Lutz. Na Constituinte de 1934, mulheres se candidatam, e em São Paulo é eleita a primeira deputada federal, Carlota Pereira de Queirós.

Berta Lutz, pioneira do movimento emancipacionista, organizou o Primeiro Congresso Feminista no Brasil. Promoveu o II Congresso Internacional Feminino e participou de diversos congressos internacionais, sempre representando a mulher brasileira. Nos EUA, como presidente da União Interamericana de Mulheres, exigiu garantias para a operária. Também eleita deputada, ingressou na Câmara Federal em 1936.

O Brasil foi o 4º país americano a conquistar o voto feminino, depois dos Estados Unidos, Canadá e Equador. As mulheres soviéticas foram as primeiras a alcançar este direito, em 1917. Na França e Itália elas só puderam votar em 1945; e na Suíça apenas em 1971!

Inflação e descontrole dão salto em fevereiro

A economia brasileira está muito doente, com febre alta. As primeiras estimativas para a inflação de fevereiro assustam: mais de 10%. O governo aplica o remédio do FMI e as medidas são cada vez mais desastrosas. Um exemplo disso foi a compra de Cr\$ 1 trilhão em Obrigações Reajustáveis —, um descontrole total na dívida pública.

A taxa anual de inflação se aproxima rapidamente dos 250%. Nos últimos 12 meses o dólar subiu 296%. O governo se comprometeu com o FMI a segurar o crescimento da moeda em 2% durante todo o primeiro trimestre de 1984; entretanto apenas em janeiro a moeda cresceu 5% e em fevereiro disparou: em oito dias cresceu 5,5%. Estouraram completamente as metas.

A aceleração inflacionária está muito ligada aos juros altíssimos que empurram todos os preços da economia. Contudo é o próprio governo com a dívida externa e interna que, como um viciado, paga altos juros para continuar alimentando sua máquina emperrada.

Há muitos anos o governo gasta muito mais do que recebe, engendrando sério desequilíbrio entre a receita e

a despesa. Para resolver esse problema, o governo emite moeda e faz empréstimos externos e internos. A dívida interna, engordada por esses desequilíbrios, é muito volumosa, já ultrapassa Cr\$ 27 trilhões (um quarto da dívida externa).

As Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional (ORTNs) são os principais instrumentos de empréstimos públicos. As empresas e os grupos financeiros ficam com os títulos do governo e lhe emprestam dinheiro. Com mil buracos em seu caixa, o governo paga juros altos para captar dinheiro, o que faz a felicidade de um pequeno número de especuladores e joga a taxa de juros para níveis elevadíssimos.

Um Trilhão
Fundação Maurício Grabois
Em outubro de 1983, Pas-

to, recém-empossado, encabeçou no Banco Central uma operação gigantesca. Foram vendidos para o mercado financeiro mais de Cr\$ 1 trilhão de cruzeiros em títulos, corrigidos de acordo com a alta do dólar. A transação foi muito criticada por analistas do mercado pelo volume inédito, que traria grande perturbação à economia. Dito e feito. A emissão de títulos (fórmula disfarçada de emitir moeda) causou uma indignação no mercado e ameaçou paralisar o fluxo de recursos.

Agora, demonstrando seu fracasso, o governo volta atrás e compra de novo Cr\$ 1,2 trilhões em títulos. Essas operações servem para medir o grau de descontrole existente na administração federal.

As recentes medidas apresentam um aspecto ainda mais perverso do que o aumento dos juros e da inflação: para comprar os títulos o governo desviará dinheiro do orçamento fiscal, ou seja, os especuladores serão compensados com dinheiro dos impostos, e o povo terá menos verbas para Saúde, Transportes, Educação...



O PC do Brasil tem marcado presença na luta do povo.

Coneg aprova luta pelas diretas nas escolas

As 75 entidades presentes ao 16º Coneg (Conselho Nacional de Entidades Gerais) da UNE, realizado no Rio de Janeiro, de 10 a 12 de fevereiro, aprovaram por consenso a realização de manifestações estudantis em todo o país pelas diretas. Foi repudiada qualquer tentativa de conciliação com o regime militar e acertado que a campanha não termina a 11 de abril, dia da votação da emenda pró-diretas, mas continua até a conquista do direito de votar para presidente.

No final de março haverá três dias de grandes mobilizações nas universidades. A 26 e 27 daquele mês será feito um plebiscito nacional em prol das diretas. A 28 — dia da morte do estudante secundarista Edson Luís, assassinado pelos militares em 1968 —, os universitários e secundaristas farão conjuntamente o Dia Nacional de Luta pelas Eleições Diretas, com manifestações de rua.

Todas as questões sobre a campanha das diretas foram aprovadas pelos estudantes por consenso. Os diretores de entidades ficaram in-

cumbidos de criarem comitês pró-diretas nas faculdades, com a orientação para que procurem o apoio dos professores e funcionários. Também ficou indicada uma paralisação nas escolas no dia da votação da emenda Dante de Oliveira, que restabelece as eleições diretas para presidente.

Este foi um dos Conegs mais representativos da UNE, com a presença de 75 das 88 entidades gerais existentes no país. Os estudantes mais uma vez repudiaram as atitudes divisionistas e sectárias. A UEE de São Paulo, devido às divergências internas, se retirou do Coneg, tentando arrastar um número insignificante de entidades. Tanto esta atitude da UEE-SP, como sua tentativa de impedir a participação da UNE no Comitê Pró-Diretas de São Paulo, foram rechaçadas pela ampla maioria.

Os estudantes pretendem levar durante este ano uma campanha para exigir que o governo cumpra a Emenda Constitucional 24/83, que obriga a aplicação de 13% da arrecadação dos impostos na educação



Acildon Pae, presidente da UNE

— o que permitiria quase dobrar o orçamento do MEC —, e continuam a luta contra os aumentos nas escolas pagas e pela democratização das faculdades.



Nos "Bolsões da Seca", carregando pedra para ganhar Cr\$ 15.300,00 por mês

Surto de saques e invasões no Ceará

No dia 13 de fevereiro 2 mil pessoas que se concentravam em Cedro, no interior de Ceará, invadiram e saquearam cinco armazéns do governo, apoderando-se de 120 toneladas de alimentos. O grupo, enfurecido pela fome, dominou quatro soldados da PM, retirou seus mosquetões e revólveres e partiu para a destruição das instalações.

Em Mombaça, a 261 quilômetros de Fortaleza, 200 homens ameaçaram saquear o comércio, e a cidade de Solonópolis também foi invadida por camponeses que exigiam alistamento nos "Bolsões da Seca". No sábado, dia 11, já havia ocorrido um saque no depósito do Exército em Piquet Carneiro, de onde foram extraídas 7,5 toneladas de sementes selecionadas.

Os saques e invasões de cidades recomeçam no Ceará. Os principais alvos são os veículos e armazéns da Cobal, da Comissão de Defesa Civil e das cooperativas agrícolas. A forma de luta é o ataque aberto e massivo de contingentes superiores a 400 ou 500 flagelados.

No dia 10 de fevereiro, dois mil camponeses invadiram Várzea Alegre, retirando 12 toneladas de cereais da cooperativa. O 3º Batalhão do Exército saiu em perseguição aos trabalhadores, contudo só conseguiu reaver uma tonelada. Nesse mesmo dia, houve várias invasões, que incluíram Crateús, Pedra Branca e outros. Foi a maior onde de saques desde que a seca começou, em 1979.

(da sucursal)



Os 1500 favelados aprovaram as reivindicações à prefeitura

Favelados de São Paulo exigem posse da terra

Cerca de 1.500 moradores das favelas Heliópolis e São João Clímaco, em São Paulo, no dia 12 exigiram que a Prefeitura compre e revendesse a área que ocupam sob a forma de lotes.

Segundo a Comissão de Negociação e Organização das favelas, a mobilização surgiu a partir da ameaça do IAPAS, proprietário do terreno, de despejar os moradores. Além disso, há alguns problemas com relação à invasão assustadora de novas famí-

lias as quais, estimuladas por grileiros, vêm ocupando até campos de futebol. Atualmente residem na área cerca de 8.000 famílias, a maioria de operários.

Para Cláudio Dionízio, membro da Comissão, "o povo precisa se organizar, não só para reivindicar a posse da terra, mas também para pôr fim a este regime militar, que joga na miséria milhares de pessoas. Por isso, nós estamos também empenhados na campanha pelas eleições diretas".

Papel-chave dos sindicatos na campanha pelas diretas

O movimento sindical tem se posicionado ao lado de todo o povo brasileiro por liberdade e democracia e, coerente com isto, por eleições diretas para presidente da República. Essa participação é um sintoma da nova postura política que, com maior ou menor consequência, vêm assumindo os dirigentes sindicais diante da crise cada vez mais grave que atormenta o país.

Apesar disto, essa participação ainda deixa a desejar pois, além de incipiente, atinge uma parte relativamente pequena do movimento. Mais do que isso: alguns setores ainda permanecem com a velha ideia exclusivista de que o movimento sindical deve fazer a sua campanha pelas diretas, e outros, com a concepção economicista de que o importante é a campanha salarial pois diretas é coisa de burguês.

Pela magnitude atingida e pela importância política que tem para o avanço da luta sindical e operária, todos os sindicatos devem participar ativamente da atual campanha, integrando-se com os demais setores da sociedade. Os sindicatos podem desempenhar papel decisivo na criação de comitês unitários pelas eleições diretas, pondo à disposição destas organizações de massas tanto o peso de seu prestígio como ajuda material. Infelizmente poucos têm adotado esta posição avançada. Mas os que o fazem, além de contribuírem para estimular os vacilantes, evitam o isolamento do movimento sindical e combatem a ilusão de que sozinho os sindicatos conseguiriam tão importante vitória. Mostram tam-

bém que a unidade do movimento sindical com os outros setores democráticos e populares é questão-chave para a criação de um movimento político amplo, representativo e forte.

Ao lado disso, o movimento sindical pode e deve desenvolver uma mobilização específica de suas bases para intensificar e fortalecer a campanha. A realização de atos sindicais-operários, massivos, para exigir o direito de votar para presidente, a formação de comitês intersindicais ou de categorias, a criação de comitês de fábrica e de campo pelas diretas já etc, são alguns exemplos do muito que se pode fazer.

O movimento sindical não pode esquecer ainda, como membro dessa frente tão ampla e, sem romper a unidade, de jogar um papel ativo, levar propostas mobilizadoras, incentivar a continuidade dos atos de rua e dos comícios. A mobilização popular está apenas se iniciando e quanto maior for o seu volume, mais democrática será a campanha e o seu resultado.

De resto, a campanha pelas diretas é um momento privilegiado para o movimento sindical recompor sua unidade, abalada pela realização de dois Conclats em 1983. A unidade deve existir na luta e para a luta, e a vida está a confirmar essa afirmação. A participação nos comitês unitários de representantes das diferentes articulações sindicais, ensaja a oportunidade de unificar a visão e a ação do movimento, fortalecendo a campanha. (R. Freitas)

Desemprego preocupa os metroviários paulistas

A categoria dos metroviários paulistas, embora pequena, com 4.900 funcionários, possui grande poder de fogo: pelo metrô viajam 1,4 milhão de usuários por dia. A nível sindical, é bastante organizada, com 4.100 sindicalizados, e mobilizada — vide o êxito na greve geral de 21 de julho. Apesar destes trunfos, ela não está imune aos efeitos da crise econômica.

"Nos últimos tempos o que mais tem assustado o pessoal é o perigo do desemprego", informa Cláudio Spicciati Barbosa, há seis anos no metrô, encabeçador da chapa "21 de Julho" que disputa as eleições no Sindicato dos Metroviários (ver box). Há uma explicação simples para este clima de insegurança: o metrô é uma empresa deficitária, depende de verbas externas, e o governo federal não as libera, até por questões políticas — tenta enfraquecer o governo oposicionista de São Paulo.

Na última campanha salarial, a empresa recusou-se terminantemente a conceder estabilidade no emprego — que era uma conquista da campanha anterior. Alegou que não há boas perspectivas no setor. Pressionado pelos metroviários, Almino Afonso, secretário dos Negócios Metropolitanos do Estado, prometeu publicamente que não haveria dispensas, porém nem isto tranquilizou a categoria. Desde outubro do ano passado o metrô não admite novos funcionários, apesar de ser visível a carência. A empresa está para incorporar novos trens, mas até agora não abriu inscrição para empregados. Na manutenção do Jabaquara existem 130 vagas disponíveis há algum tempo, contudo a empresa recusa-se a fazer contratações. Para empregar 17 funcionários foi necessária grande pressão.

Outra preocupação dos metroviários é com a piora do poder aquisitivo. A maioria da mão-de-obra é especializada e ganha em média seis salários. Mas começa a se sentir uma queda salarial, fruto dos decretos-leis de arrocho do regime militar que atingem em cheio esta faixa. Tanto é assim que, na campanha salarial de novembro, o Sindicato centrou fogo na manutenção do poder aquisitivo, reivindicando reajuste acima dos impostos pelos decretos, mais abono, quinquênio etc.

FORTELEZA SINDICAL
O que de certa forma tranquiliza a categoria frente à ofensiva do governo contra os salários e o emprego, é o seu elevado nível de organização e a força do seu Sindicato. Desde o nascimento da categoria, no início da década de 70, os metroviários se preocupam com sua organização para a luta. Primeiro atuaram em torno do



1.200 metroviários aprovam numa assembléia histórica a greve geral de 21 de julho

Metrô-Clube; depois, da Associação Civil e da Profissional. E, em agosto de 1981, após longa pressão, conquistaram o direito ao registro do Sindicato, entidade que sempre teve respaldo da classe: suas assembléias contam em média com 800 funcionários; é grande o número de ativistas organizados; e o índice de sindicalização sempre beirou a casa de 80% da categoria.

A primeira diretoria do Sindicato teve o grande mérito de enraizar seu trabalho no metrô e estar na dianteira de todas as lutas travadas. Ela dirigiu duas greves localizadas: em maio de 1983, a paralisação de uma hora, que só não parou os setores de atendimento ao público, conquistou a estabilidade por sete meses; em novembro houve nova greve, no pátio, sede da empresa e CCO, reivindicando o 13º salário. Sem dúvida o que deu projeção nacional e impôs respeito à categoria e seu Sindicato foi a participação destacada na greve geral de 21 de julho. Até meio-dia o metrô não funcionou e mais de um milhão de usuários ficaram sem transporte. Imediatamente o governo militar decretou a intervenção na entidade.

LOCAL DE TRABALHO
Nestes anos a categoria também melhorou seu nível de organização no local de trabalho. Aproveitando-se da brecha dada pelo governo oposicionista, que prometera democracia nas empresas estatais, o Sindicato pressionou e conquistou vários órgãos de luta. Atualmente a entidade conta com 133 metroviários eleitos, com estabilidade de um ano, na comissão dos empregados, e com mais 23, com dois anos de estabilidade, no Conselho de Representantes dos Funcionários. Todo este sistema de representação facilita o trabalho sindical, já que a maioria dos eleitos tem vínculos com

Uma chapa combativa

Nestes anos de luta os metroviários assimilaram a importância da sua entidade classista. E mesmo com a intervenção dos generais, em 21 de julho, não abandonaram o Sindicato: mais de 2 mil funcionários fizeram um abaixo-assinado exigindo o fim da intervenção; comissões pressionaram o ministro Murilo Macedo, e os interventores não tiveram sossego na sede sindical. Fruto desta pressão, o Sindicato dos Metroviários foi o primeiro dos cinco que sofreram intervenção em julho e o primeiro também a ter suspensa a medida arbitrária e convocada novas eleições, para 12, 13 e 14 de março.

Para continuar o bom trabalho sindical da diretoria cassada, foi formada a chapa "21 de Julho", data da greve geral. Cláudio Spicciati, encabeçador da chapa, explica o processo da sua formação: "Após a convocação da eleição, num prazo de uma semana, fizemos pré-convenções nos locais de trabalho. Nelas foram indicados os nomes mais representativos, destacados nas nossas batalhas, para compor a chapa. E numa convenção, com mais de 200 companheiros, formamos uma chapa unitária e combativa".

No entanto, para surpresa de todos, poucos dias depois inscrevia-se uma outra chapa, a dois. José Carlos da Silva, tesoureiro da Chapa 1,



Cláudio encabeça a Chapa 1

desconfia dos adversários: "A chapa foi feita nos bastidores. Seus membros nunca apareceram no Sindicato. Acreditamos que tenham ligação com o pessoal do governo anterior, do Maluf, que ficou na empresa após a vitória da oposição". O programa da Chapa 2 é puramente assistencialista, prevendo apenas a instalação de barbearias e cooperativas. Nada fala sobre a luta da categoria e critica a diretoria cassada por ser combativa.

Já a chapa "21 de Julho" fala da necessidade do fortalecimento da organização nos locais de trabalho e no Sindicato para conquistar a estabilidade no emprego. E defende a unificação dos trabalhadores numa única central sindical: "Um dos fatores do êxito da greve geral nos Metroviários foi a unidade. Não acredito que a categoria parasse caso a greve fosse convocada por uma parte do movimento sindical. Por isto defendemos a reunificação. A divisão só prejudica os trabalhadores", explica Cláudio.

a entidade de classe — boa parte da diretoria cassada foi eleita. Mas também traz alguns problemas, como alerta Cláudio: "Não podemos perder de vista que o Sindicato

é o nosso principal órgão de luta, que centraliza e dirige nossas batalhas. Devemos estar atentos para os riscos de divisão da nossa força". (Altamiro Borges)

480 mil metalúrgicos em campanha

Com a data-base em 1º de abril, 480 mil metalúrgicos de São Paulo começam a esquentar os motores para sua campanha salarial. Há expectativas de grandes mobilizações, principalmente entre os operários de São Bernardo, conhecidos pelas poderosas greves que fizeram contra o desemprego e por aumentos salariais.

São Bernardo, no ABC pau-

lista, já vive um clima de luta salarial. São constantes as reuniões por fábricas e começam as assembléias nas portas das grandes multinacionais montadoras de automóveis. Para a assembléia do dia 18, que define a pauta de reivindicações, aguarda-se um bom comparecimento. Apesar de não contar com o seu Sindicato, que se encontra sob interven-

ção dos generais desde julho passado, a categoria está em plena atividade. A diretoria cassada tem estado diariamente nas portas das empresas e conta com a ajuda de um grande número de ativistas, principalmente, das comissões de fábricas. Na Ford, Volks e em outras empresas, pequenas e médias, cabe à comissão de fábrica mobilizar os metalúrgicos para a campanha salarial.

INTERIOR MOBILIZADO
Dos 41 Sindicatos de Metalúrgicos no Estado, 38 estão envolvidos nesta campanha salarial, somando cerca de 480 mil operários. Os outros 450 mil metalúrgicos de Osasco, Guarulhos e da capital paulista têm data-base em novembro. Como no ABC, a expectativa com relação ao restante do interior é de boa movimentação. A greve geral de 21 de julho mostrou um grande potencial de luta nos distantes municípios. Na pequena cidade de Matão, onde os metalúrgicos nunca tinham participado suas atividades, a greve atingiu 100% da categoria. E, 21 Sindicatos dirigiram para-

lisações parciais ou totais nesta data de luta. Como no caso a greve tinha um nítido caráter político, contra a orientação econômica do governo militar e seus decretos de arrocho salarial, espera-se nesta campanha uma maior movimentação por conquistas imediatas.

Não obstante a pauta de reivindicações dos 480 mil metalúrgicos ser no geral a mesma, ainda desta vez seus Sindicatos marcharão divididos na negociação com o patronato — unido em torno da Fiesp. Até agora cinco Sindicatos (São Bernardo, Santo André, São José dos Campos, Itu e Sorocaba) anunciaram que negociarão em separado com a Fiesp, enquanto outros 31 se agrupam na Federação dos Metalúrgicos.

Os operários reivindicam 83,3% de reajuste salarial, um piso salarial de Cr\$243 mil; estabilidade no emprego; reconhecimento dos delegados sindicais das comissões de fábricas. A Federação também reivindicará um abono de emergência de um salário.



Assembléia em São Bernardo: quatro greves no ano passado



Operários criam comitê pró-diretas

Nós, operários, devemos participar na luta pelas eleições diretas, desejo do povo brasileiro.

É por isso que nós aqui na Villares de São Bernardo do Campo, além de discutir os problemas daqui da fábrica e a renovação do Sindicato, colocaremos as elei-

ções diretas para presidente da República como tema de debate.

É lógico que além de conversarmos com o pessoal sobre a real importância deste fato, devemos procurar participar na campanha que está crescendo no país, indo nos atos e passeatas. É por

isso que queremos nos organizar aqui dentro, além de lutar contra as sacanagens do patrão, para lutar pelas eleições diretas. De início vamos colocar selos e panfletos sobre as diretas aqui na fábrica. (Grupo de Operários da Villares-São Bernardo do Campo-SP).

Mulheres negras também querem direito de voto

Nós, mulheres negras, engrossamos as manifestações com vistas a reconduzir o país à normalidade democrática através do restabelecimento das eleições diretas para a Presidência da República.

Estamos convictas de que esta é uma das etapas indispensáveis para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária que são os

anseios da grande maioria da população deste país.

No entanto, acreditamos ser oportuno reiterar a proposta de uma sociedade democrática não se esgota no pleno exercício do voto, mas repousa fundamentalmente no compromisso inalienável que os postulantes à Presidência da Nação devem firmar com os segmentos mais explorados e marginalizados da sociedade

brasileira através da instituição de mecanismos capazes de garantir que o exercício da democracia, na qual ora se empenha toda a Nação, irradiar o mais grave arbítrio e violência desta sociedade que é o racismo que infelizmente para nós, negros, tem se constituído numa prática social, independente de conjunturas. (Coletivo de Mulheres Negras-São Paulo, SP).

Caieiras entra em ritmo de campanha

Caieiras entra em ritmo de campanha pela eleição direta para presidente da República. No dia 3 de fevereiro foi inaugurado o Comitê Pró-Eleições Diretas na Câmara Municipal. Estiveram presentes represen-

tantes de comunidades, escolas, bairros, partidos políticos (com exceção do PDS e do PDT).

Embora com algumas debilidades devido à falta de conscientização em torno da questão, o Comitê pro-

mete se engajar firmemente na luta. A campanha pelas diretas atinge proporções de âmbito nacional e o nosso pequeno município não poderia ficar de fora. Diretas já! (B.-Caieiras, São Paulo).

Organização barra demissões

A Duratex é uma fábrica metalúrgica com 2 mil operários, de propriedade do grande empresário Olavo Setúbal. Estamos escrevendo à **Tribuna Operária** para mostrar aos companheiros de outras fábricas a nossa luta nesse período de crise que estamos atravessando. O caminho que temos que seguir é a organização dentro das fábricas e junto ao sindicato. É assim que vamos barrar o desemprego, fortalecer e ampliar a luta para pôr abaixo o regime militar.

Começamos a ter uma participação maior em 1983, quando a firma do sr. Olavo Setúbal ameaçou um grande facão (grande número de demissões). No começo de 1983 fizemos uma greve vitoriosa, onde conseguimos estabilidade até 31 de dezembro. Entramos no ano de 1984. Houve algumas demissões. Mesmo com a perseguição e as pressões da chefaiada, que é demais aqui dentro, começamos a fazer reuniões no Sindicato, onde decidimos por um assembleia na porta da fábrica no começo de fevereiro

para barrar as demissões e conquistarmos nossa comissão de fábrica.

Nós, operários da Duratex, achamos que nossa luta não é contra o falso democrata Olavo Setúbal. Por isso estamos hoje nessa luta de todo o povo brasileiro por eleições diretas já. Exemplo disso foi no grande ato da Praça da Sé de 25 de janeiro, onde comparecemos maciçamente. E vamos fazer também nosso comitê de fábrica por eleições diretas. (Operários da Duratex-São Paulo, SP).

Jornalistas unem-se contra 71 demissões na Folha de S. Paulo

Nós, jornalistas profissionais do Estado de São Paulo, vimos a público denunciar a atitude truculenta e contraditória da "Folha de São Paulo", que, na madrugada de sexta-feira (dia 9), demitiu 71 jornalistas da empresa, extinguindo totalmente o setor de revisão.

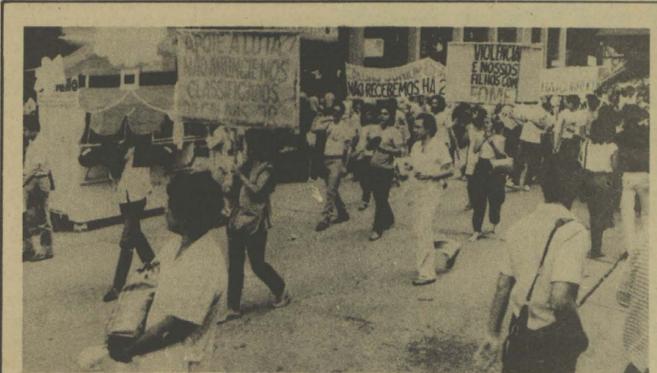
Trata-se, sem dúvida, de uma das atitudes mais violentas adotadas contra a categoria que, desde o início da implantação dos terminais de vídeo na "Folha", há dois anos, procurou discutir o reaproveitamento dos jornalistas cujos setores fossem afetados pela nova tecnologia.

Foram dois anos de discussão e praticamente nenhum empenho da parte da empresa de reciclagem e aproveitamento de seus profissionais.

As demissões e a falta de respeito, da "Folha", junto a seus trabalhadores evidenciam a postura contraditória da empresa que, se por um lado defende eleições diretas,

fim da recessão e ampliação do mercado de trabalho para todos os brasileiros, na sua política interna alinha-se entre as empresas mais conservadoras. Não somos contra a inovação tecnológica. Mas sua adoção não deve ir em prejuízo dos trabalhadores. Nesse sentido, denunciávamos publicamente a atitude da empresa, que reflete também desrespeito ao público leitor, que, diariamente se depara com grosseiras falhas gramaticais, gráficas e informações contraditórias. Esses erros e falhas normalmente seriam evitados pelos revisores demitidos.

Confiantes que o atual quadro possa ser revertido, desde que a "Folha" comprometa-se a reaproveitar esses trabalhadores, a exemplo do que ocorre em outros países, nós, jornalistas de São Paulo, unimo-nos aos companheiros para repudiar o estreitamento do mercado de trabalho. (Nota da Assembleia dos Jornalistas de São Paulo-SP).



Funcionários da Caldas Jr. vão às ruas por seus direitos.

Povo que muito me gusta

Essa é a história de uma greve muito justa pessoal da Caldas Jr. Povo que muito me gusta

Caloteiros, Breno e Cia. Ouviram o grito forte da consciência maior

Só atrasos um festival de vale estômago roncando não existe mais quem cale

Paga Breno teus dias estão contados Paga Breno todos os atrasados Paga Breno tudo que tu deves Paga Breno que perdeu prá nossa greve

Tentamos conversar mas o Breno nem conversa Dizia: "Fiquem quietos, trabalhem e depressa!"

Muitas contas, acabou até o pão se não tem salário trabalho também não

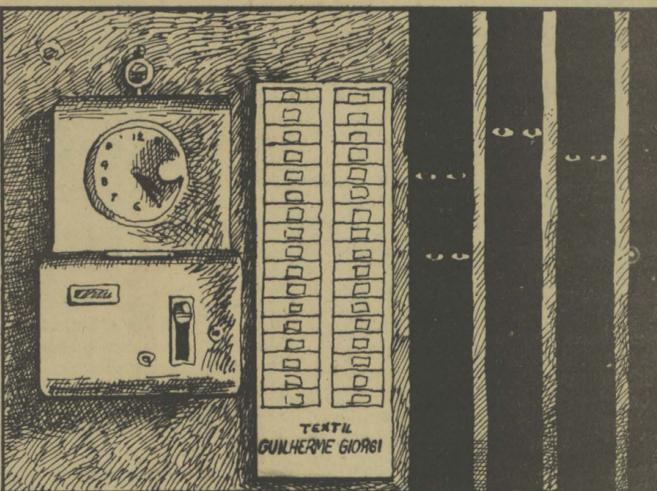
Dezembro, dia 12 acabou a paciência entramos tudo em greve com a maior consciência

Ficaram pelegos oportunos carreiristas com muita vergonha se escondiam dos grevistas

Até na justiça confirmaram a exploração conosco entidades e toda população

Mas nós, grevistas, já artistas da vida queremos solução para a Caldas falida.

(Flávio-Porto Alegre, Rio Grande do Sul).



A creche é um direito conquistado pelas operárias

Queremos denunciar a exploração e perseguição de que somos vítimas na têxtil Guilherme Giorgi, na Vila Carrão.

Além do baixo salário, o patrão está dispensando funcionários com mais idade e admitindo menores de 15 a 17 anos para fazer o mesmo serviço com um salário inferior.

Outra arbitrariedade é a questão da creche. Lá só ficam crianças de 0 a 9 meses. Nós precisamos que elas fiquem até 7 anos e isso é um direito, porque o lucro que o patrão tem é muito grande. As mães são obrigadas a deixar os filhos sozinhos só para enriquecer o patrão.

Como se isso não bastasse, ainda existe a perseguição dos chefes e contramestres junto aos trabalhadores. Eles agem como se fossem policiais, proibem as operárias de ir ao banheiro e as ameaçam com suspensão. Esses caras não conseguem perceber que o inimigo do povo é o patrão e o regime militar e não os trabalhadores. Eles jogam os operários no olho da rua na hora que bem entenderem.

Nós, ex-funcionários da Guilherme Giorgi esperamos que os trabalhadores se unam para pôr fim nesta exploração de chefes, patrões e governo, para construir uma sociedade mais justa. (Ex-funcionários da Guilherme Giorgi-São Paulo, SP)



fala o POVO

Nossa seção continua participando com força da campanha por eleições diretas para presidente da República. Algumas cartas falam sobre a formação de comitês pelas diretas nos locais de trabalho e moradia. Os operários das Villares de São Caetano já entenderam a importância da participação organizada do povo nesta campanha. E estão tratando de criar um comitê dentro da fábrica.

Este exemplo está sendo seguido em vários locais, nos diversos Estados. Dessa forma, a campanha pelas diretas passa a ter uma estrutura organizativa e as massas populares garantem sua participação e seu direito de voz na luta e nas manifestações. Direto prá diretas! (Olivia Rangel).

Gráficos paulistas comemoram sua data nacional

No dia 7 de fevereiro último foram realizadas no Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Gráficas de São Paulo comemorações do Dia Nacional dos Gráficos.

Esta data é comemorada com muita festividade devido à participação dos companheiros, no dia 7 de fevereiro de 1923, numa grande greve preparada por um velho combatente, o Pimenta. Ele foi preso e levado para o Rio de Janeiro pela repressão, a fim de diluir o movimento grevista. Mas a categoria estava preparada para a greve, que foi vitoriosa e até hoje é um marco na história de nossa categoria.

Passados 61 anos de arrochos, arbítrios e repressões, os trabalhadores gráficos da velha guarda ouviram antigos companheiros, como o Julinho, que foi orador este ano com muito brilho. E quase no fim das comemorações um outro velho combatente pediu a palavra e falou sobre o assunto mais sério do momento, que é eleição direta para presidente da República. Naquele momento ficou bem claro que o anseio dos velhos companheiros também é pôr abaixo este governo impopular que se mantém no poder sem o respaldo do povão.

Finalizando as comemorações do Dia dos Gráficos, foi prestada homenagem a velhos e combativos militantes dos gráficos, com o hino da classe operária, a Internacional, cantada por todos os presentes e aplaudida no final.

Parabéns a todos os gráficos brasileiros que lutaram e lutam pelos seus destinos, por justiça social, pela fim da ambição patronal, por salários dignos, por direito da terra a quem nela trabalha, pelo fim das leis de exceção e por eleições diretas já para presidente da República. (Carlos Mascarenhas, gráfico-São Paulo, SP).

Diretoria do DA quer impedir posse da chapa eleita

Chegada a época para convocação de novas eleições para a gestão de 1984 do Diretório Acadêmico (DA) a chapa Novos Rumos se inscreve e sagra-se vencedora com um total de 677 votos; a chapa Realidade, representante da situação e candidata a reeleição tem um total de 459 votos.

Conforme entendimentos com o sr. Maurizio Gobbi (candidato a reeleição ao cargo de presidente pela chapa perdutora) a posse da chapa Novos Rumos efetuar-se-ia no dia 29 de novembro. Porém o mesmo, voltando atrás em sua palavra, alega que sua gestão somente encerra-se dia 2 de março de 1984.

Não bastasse essa arbitrariedade, o sr. Maurizio Gobbi impetra pedido junto ao Ministério da Educação e Cultura para cancelamento das eleições, fato que é logo aceito pelo MEC e divulgado em nota assinada pela direção da faculdade.

Com a clara intenção de impedir a posse da chapa Novos Rumos, o sr. Maurizio Gobbi, aliado da direção da faculdade, vem aplicando diversos golpes nos últimos 5 meses para se manter na presidência. Ele realizou atos que vão desde a retirada de cartazes da Novos Rumos até a ameaça de prisão de elementos pertencentes a mesma.

Informados com a demissão arbitrária de 12 professores da área de Psicologia, do Diretor Pedagógico e do Diretor da Clínica de Psicologia, bem como com o uso indevido do DA para fins de promoção pessoal (o sr. Maurizio Gobbi é hoje relações públicas da faculdade) realizamos nossa oposição e defendemos que seja garantida a decisão dos estudantes da FFE. (Sintem-se assinaturas dos membros da Novos Rumos-São Caetano, SP).

Quero votar para presidente

Cresce no meu peito uma chama ardente Quero ir à luta Quero votar para presidente.

Não suporto mais tanto entreguismo e traição precisamos com o voto direto acabar com o reinado do João.

O povo vai às ruas, pelas diretas se manifestar: pelo fim do Colégio Eleitoral pelo fim do regime militar

O povo sabe o que quer e o que pretende almejar toda nação exige um governo provisório, patriótico,

democrata e popular

Queremos liberdade de expressão e organização queremos acabar com o arbítrio e a opressão

Chega de miséria de luxúria e exploração é preciso pôr abaixo toda essa corja de ladrão

Nossa classe operária o socialismo quer conquistar indo à luta contra o imperialismo, para o povo se libertar

(Amigo da TO no Hospital das Clínicas-São Paulo, SP)

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

Compromissos sem traições

Quando é correto aceitar compromissos? Este é um instrumento que o proletariado revolucionário precisa manejar com muita segurança. "Toda a questão — diz Lênin — consiste em saber aplicar esta tática para elevar, e não para rebaixar, o nível geral de consciência, de espírito revolucionário e de capacidade de luta e de vitória do proletariado".

CONDIÇÕES OBJETIVAS

No curso da luta de classes existem vários setores que vacilam entre o proletariado e a burguesia. Isto cria a necessidade de fazer certas concessões, aceitar certos compromissos, com os que tendem para o proletariado, para facilitar a incorporação de novos aliados de massas no processo revolucionário. Por exemplo, quando a classe operária, que luta na etapa atual por um regime de democracia popular em marcha para o socialismo, propõe a todos os opositores a formação de uma frente comum, para pôr fim ao regime militar e conquistar um governo provisório, que represente os patriotas, os democratas e o movimento popular, isto não deixa de ser um acordo. É um compromisso que ajuda o avanço do conjunto do movimento de massas. Amplia o leque das forças contra o regime militar e facilita a muitos setores populares, ainda iludidos pela influência burguesa, a entrar na luta política e elevar a sua consciência.

Também numa greve, devido às condições concretas em que se trava o combate, é comum os operários entrarem em negociações com os patrões e serem forçados a aceitar um compromisso, obtendo menos do que reivindicam. Às vezes inclusive não conseguem nada e são obrigados a voltar ao trabalho negociando a simples readmissão de seus líderes demitidos. É um compromisso "imposto por condições objetivas — diz Lênin — que em nada diminui a abnegação revolucionária nem a disposição de continuar a luta dos operários que o assumiram".

SIMPATIA DOS PATRÕES

Mas existem também, continua Lênin, "os compromissos de traidores que atribuem a causas objetivas o seu vil egoísmo (os fura-greves também assumem 'compromissos'), sua covardia, seu desejo de atrair a simpatia dos capitalistas, sua falta de firmeza ante as ameaças e, às vezes ante as exortações, as esmolas ou as adulações dos capitalistas".

Enquadra-se neste caso a proposta de arreglo com o regime militar feita pelos defensores do desmoralizado PCB. Giocondo Dias foi à imprensa burguesa para declarar cingidamente que o que está na ordem do dia é uma "solução negociada para os impasses atuais"; é "ultrapassar o regime através de negociações que incluem setores do governo e do PDS". E o deputado Alberto Goldman, deixando ainda mais claro o conteúdo desta trapaça, diante do ímpeto dos comícios contra o regime militar e por eleições diretas, gritou logo que é hora de oferecer "algo em troca" aos governistas.

FÓLEGO AO REGIME

O regime militar está em franca desagregação. Até setores do PDS rompem com suas orientações. Grandes multidões incorporam-se nos comícios pelas eleições diretas. Setores cada vez mais amplos lançam-se na luta democrática. Nesta situação, em vez de apostar na mobilização popular, estes oportunistas falam em romper o impasse pelas negociações. É o desejo de atrair as simpatias dos poderosos para obter a legalização de seu grupo, oferecendo em troca a desmobilização das massas.

A solução para romper o impasse atual é o fim do regime e a passagem do poder ao povo. A proposta de conciliação do PCB só serve para dar fôlego ao governo Figueiredo e para rebaixar o ímpeto das massas na batalha pelas eleições diretas. É um compromisso inaceitável.

Final eletrizante na Taça Brasil de Basquete Masculino

Monte Líbano, Sirio, Tênis Club e Corinthians inclaram dia 16 a fase final da Taça Brasil de Basquete Masculino, categoria principal. A disputa promete ser eletrizante, a exemplo do recém-encerrado campeonato paulista de basquete feminino. Com exceção de Oscar e Marcel, atuando no exterior, e Carioquinha, do Palmeiras, a totalidade da seleção titular brasileira está envolvida na disputa.

Ao contrário do vôlei masculino (com o Atlântica e Pirelli) e do basquete feminino (com Inimep e Prudentina), a final do basquete masculino não concentra o favoritismo em apenas duas equipes. O Corinthians vem embalado com a conquista do título paulista, com a implantação do departamento de basquete, e da experiência democrática lançada no futebol por Adilson Monteiro Alves. Rogê Ferreira, presidente do PDT paulista, é o diretor e principal incentivador da democracia corinthiana, versão bola-a-cesto. A equipe é nova, foi estruturada há dois anos, mas ganhou o vice-campeonato paulista de 1982 e no ano passado completou "a barba e o cabelo", iniciada com a vitória do Corinthians também no futebol. Gilson, o norte-americano Rock Smith e o veterano Adilson são as principais estrelas do quinteto orientado por Nicao, jogador do Corinthians e da seleção brasileira nos anos de ouro do basquete na década de 60.

Os seus adversários, porém, não são fáceis. O Tênis Club conta com o comando e a experiência de Ubiratan dentro da quadra, e no banco com a experiência de Edvard. Tem em seu plantel o melhor armador do Brasil no momento, Nilo. Já o

Monte Líbano, dirigido por Amauri Passos, reúne as melhores revelações do basquete nos últimos anos, como Ismael, Kadun e Agra. O Sirio, finalmente, traz a tradição de clube finalista, além do concurso de alguns monstros de nosso basquete, como Marquinhos, Fausto e Mauri.

Com semelhante nível técnico e diante do equilíbrio entre as equipes, os dirigentes e jogadores esperam recuperar o espaço cedido pelo basquete ao vôlei na atenção da torcida. Tal objetivo foi parcialmente atingido nas finais do campeonato feminino, quando Hortência e Paula monopolizaram as manchetes desportivas e consolidaram a posição de ídolos do público. E os manhosos cartolas já aprenderam a receita milagrosa de Nuzdam, dirigente da CBV, que fez o vôlei aumentar seu prestígio e popularidade. Luciano do Vale, locutor de tevê, empresário de competições esportivas, recém transferido da rede Record para a Bandeirantes, vem promovendo os campeonatos de basquete, aplicando o mesmo esquema utilizado no vôlei.

As disputas destas finais trazem ainda o atrativo de decidirem o último importante torneio do nosso esporte amador, antes das Olimpíadas de Los Angeles. Serão, portanto, as derradeiras apresentações das estrelas do esporte amador em solo brasileiro. E tem tudo para agradar às mais exigentes torcidas. (Jessé Madureira).



Os dramas dos canavieiros, no "Auto do Lavrador na Volta do Êxodo".

Teatro conta a exploração dos bóias-frias

"O Auto do Lavrador na Volta do Êxodo", escrito e dirigido pelo jornalista Orávio de Campos Soares, com montagem do Grupo Experimental de Teatro do SESC de Campos, cumpriu uma temporada de dez dias no Grande Rio. Trata-se de um espetáculo impar no teatro amador fluminense, pois grande parte dos atores são bóias-frias, e a peça denuncia a exploração do homem do campo, a luta de classes na zona canavieira.

Trabalhadores — mulheres e crianças também — recebem Cr\$ 200, Cr\$ 300, às vezes um pouco mais por dia de trabalho, sem carteira assinada, sem assistência de espécie alguma e ainda sofrendo maus tratos dos chefes de turma e empreiteiros. Muitos morrem de fome em cima das enxadas e catanas — facão de cortar cana.

Expulsos do campo, os trabalhadores incharam o Rio de Janeiro e cidades periféricas. Fazendeiros e usineiros colocavam fogo nos casebres, passavam com tratores em algumas das lavouras de subsistência e usavam jagunços para colocar para fora das terras aqueles que queriam continuar trabalhando em suas glebas.

Em 1970 os usineiros e fazendeiros começaram a queimar os canaviais. A cana então, sem palha, passou a ser cortada mais rapidamente. A figura do empreiteiro veio à tona e as usinas não mais contrataram pessoal diretamente, para não arcar com os direitos trabalhistas — com a conivência da fiscalização. A mão-de-obra jovem foi para a cidade grande, para as favelas, mendigar pelas ruas e muitos retornaram ao campo, anos depois.

"O Auto do Lavrador" propõe a discussão sobre o problema com os trabalhadores do Grande Rio atingidos diretamente com o êxodo rural. A peça já foi apresentada para cerca de 40 mil pessoas na cidade e no campo, em clubes, sindicatos, escolas, facultades, praças públicas e igrejas.

A idéia básica do autor, Orávio Campos, "não é buscar o aperfeiçoamento da estética, mas sim a representação natural, e o texto revela a preocupação do grupo — pois foi escrito depois de ampla discussão com os trabalhadores/atores — com a retomada da cultura de raiz (mana chica, umbanda, boi tatá, ladainhas, procissões) e a linguagem regional, que estão sendo destruídas pelos órgãos de comunicação de massa".

A montagem foi feita porque, a

princípio, a censura interna na imprensa de Campos (quatro jornais diários, sete rádios e um canal de televisão) não permitia a denúncia da exploração dos rurais. Depois, com o apoio da Associação Regional de Teatro Amador, a peça participou e venceu o Festival Estadual de Teatro Amador, realizado em Volta Redonda e fez parte do projeto da Associação, "Teatro de Periferia".

Apesar de todas as dificuldades financeiras, pois "os organismos oficiais não apóiam projetos como esse, que visam à conscientização dos trabalhadores e é um chamado à união e à luta contra a exploração institucionalizada", os organizadores afirmam que "o êxito alcançado compensa a fome que passamos".

"O Auto do Lavrador" não é ficção. Conta em detalhes a morte de Zé Moreira, que morreu com fome em cima de uma enxada, em 1982, a escravização de trabalhadores em algumas fazendas da região, denunciada até no Congresso Nacional, e mostra a cultura de raiz da região, que tem todas as características do Nordeste e é musicada. Nas discussões com a platéia, a escravidão branca é denunciada com todos os detalhes.

COMPROMISSO COM A REVOLUÇÃO

O autor e diretor do "Auto do Lavrador", há 23 anos atuando no teatro em Campos, fundou o Teatro Escola de Cultura Dramática, que formou a maioria dos atores, alguns atuando nos grandes centros. O teatro amador, segundo Orávio, tem que estar comprometido com a história e, portanto, com a transformação da sociedade. Os trabalhadores e intelectuais comprometidos com a busca de uma nova estrutura social, têm que escrever e montar textos tendo em vista a realidade local, regional ou nacional. "Para mim, diz ele, a arte é o espelho da realidade e nós, artistas, temos um compromisso com a revolução". (Avelino Ferreira, Campos, RJ)



Foto: Renato dos Anjos

A equipe do Corinthians, uma das favoritas da Taça Brasil de Basquete.

O folclore boliviano no "Concierto en los Andes"

"Concierto en los Andes" é o nome do show que o grupo de folclore boliviano e latino-americano Raza India apresentará nos próximos dias 24, 25 e 26 no Teatro Novo Diadema, rua Graciosa, 300, às 20 horas, em Diadema. Segundo José Ortiz, um dos integrantes do grupo, "a nossa preocupação maior é com a defesa de nossa música contra a contaminação, a dominação. Fazemos recompilações de músicas antigas, utilizando instrumentos e vozes. E o público tem gostado de nosso trabalho".

Raza India lançou um LP em 1979 e no ano passado lançou um compacto. Ainda neste primeiro semestre o grupo deve realizar um trabalho em São Paulo juntamente com a Banda de Pifanos de Caruaru. O grupo já realizou várias apresentações na região do ABC, e o show de Diadema tem a promoção da Tribuna Operária.



Tribuna Operária

Endereço: Rua Adoniran Barbosa, 53 - Bela Vista - São Paulo - CEP 01318. Telefone: 36 7531 (DDD 011). Telex: 01132133 TLOPR. Jornalista Responsável: Pedro de Oliveira. Conselho de direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olivia Rangel.

- ALAGOAS: Arapiraca: Praça Marquês da Silva, Ed. Artur F. Neto, Apto 312 — CEP 57000. Maceió: Rua Cincinato Pinto, 183 — Centro — CEP 57000.
- AMAZONAS: Manaus: Rua Simon Bolívar, 231 (ant. Praça da Saudade) — Caixa Postal 1439 — CEP 69000.
- BÁHIA: Camacari: Rua José Nunes de Matos, 12 — CEP 42800. Feira de Santana: Av. Santos Dumont, 218 — Centro — CEP 44100. Itabuna: Av. Juracy Magalhães, 180, Sala 204 — CEP 45600. Ilhéus: Av. Santos Dumont, 44, 1º andar — Centro. Juazeiro: Rua Americo Alves, 6-A — CEP 44060. Salvador: Rua Senador Costa Pinto, 845, Centro — CEP 40000.
- CEARÁ: Fortaleza: Rua do Rosário, 313, sala 203 — CEP 60000. Iguatu: Rua Floriano Peixoto, 408, 2º andar — CEP 79960. Sobral: Av. Dom José, 1236, sala 4 — CEP 62100.
- DISTRITO FEDERAL: Brasília: Edifício Venâncio IV, sala 312 — CEP 70302. ESPÍRITO SANTO: Cachoeiro do Itapemirim: Praça Gerônimo Monteiro, 89, sala 2 — Centro — CEP 29500. Vitória: Rua Francisco Araújo, 77 (esquina com escadaria Cleto Nunes) Centro — CEP 29000.
- GOIÁS: Goiânia: Rua 27, nº 69 — Centro — CEP 74000. Formosa: Rua Emílio Póvoas, sala 4 — CEP 77200.
- MARANHÃO: São Luís: Rua do Machado, 174, Centro — CEP 65000.
- MATO GROSSO: Cuiabá: Rua Comandante Costa, 548. Fone: 321 5095 — CEP 78000.
- MATO GROSSO DO SUL: Campo Grande: R. Antonio Maria Coelho, 1152, 1º andar, sala 15 — CEP 79100.
- MINAS GERAIS: Belo Horizonte: Av. Amazonas, 491, sala 817. Fone: 224 7605 — CEP 30000. Juiz de Fora: Galeria Constança Valadares, 3º andar, sala 411 — CEP 36100.
- PARÁ: Belém: Rua Aristides Lobo, 620 — Centro — CEP 66000.
- PARAÍBA: João Pessoa: Rua Duque de Caxias, 540, 2º andar, sala 201 — Calçada Centro — CEP 58000. Campina Grande: Rua Venâncio Neiva, 316, 1º andar — CEP 58100.
- PARANÁ: Curitiba: Rua Martins Afonso, 370 — CEP 87000. Londrina: Rua Sergipe, 891, salas 7 e 8 — CEP 86100.
- PIAUI: Teresina: Rua Eliseu Martins, 1130, 1º andar — CEP 64000.
- PERNAMBUCO: Cabo: Rua Vigiário Batista, 236 — CEP 54500. Garanhuns: Rua 13 de Maio, 85, 1º andar, sala 3 — CEP 55300. Recife: Rua Sossogo, 221, Boa Vista — CEP 50000.
- RIO GRANDE DO NORTE: Natal: Rua Fonseca e Silva, 1098, sala 202 — Alecrim — CEP 59000.
- RIO GRANDE DO SUL: Porto Alegre: Rua General Câmara, 52, sala 29 — CEP 90000. Caxias do Sul: Rua Dal Carmine, 1891, 2º andar, fundos — CEP 95100. Pelotas: Rua Andrade Neves, 1589, sala 403 — CEP 96100.
- RIO DE JANEIRO: Rio de Janeiro: Rua São José, 90, sala 2206 — CEP 20000. Rio de Janeiro: Rua Carvalho de Souza, 155, loja F. Madureira — CEP 20000. Niterói: Av. Aníbal Peixoto, 370, sala 807 — CEP 24000. Duque de Caxias: Rua Nunes Alves, 40, sala 101 — CEP 25000. Nova Iguaçu: Rua Olívio Tarquinio, 74, sala 605 — CEP 26000.
- RORAIMA: Boa Vista: Rua Aterres Paulo Saldanha, 625 — Bairro São Francisco — CEP 69300.
- SÃO PAULO: Campinas: Rua Regente Feijó, 592 — CEP 13100. Marília: Rua Dom Pedro, 180, 1º andar — CEP 17500. Osasco: Rua Tenente Avelar Pires de Azevedo, 26, 2º andar, sala 12 — CEP 16000. Piracicaba: Rua XV de Novembro, 728, sala 3 — CEP 13400. Ribeirão Preto: Rua Sergipe, 119 — CEP 14100. Santos: Av. Dom Pedro II, 7 — CEP 11100. Santo André: Travessa Lourenço Rondinelli, 35 — Centro — CEP 09000. São Bernardo do Campo: Rua Tenente Sales, 229, sala 32 — CEP 09700. São José dos Campos: Rua Sebastião Humel, 185, sala 7 — CEP 12200. Taubaté: Rua Souza Alves, 632, sala 5 — CEP 12100.

A TRIBUNA OPERÁRIA é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Compostos e Impressos por Proposta Editorial, Rua Heitor Pentecoste, 236 loja 6 — Tel. 263.7400 — São Paulo, SP.

Publicações da Anita Garibaldi

- Pela liberdade, pela democracia popular (J. Amazonas) ... Cr\$ 1.000,00
- O revisionismo chinês de Mao Tsetung (J. Amazonas) Cr\$ 1.200,00
- Discurso aos eleitores (Enver Hoxha) Cr\$ 600,00
- O Eurocomunismo é Anticomunismo (Enver Hoxha) Cr\$ 2.500,00
- Relatório ao 8º Congresso do Partido do Trabalho da Albânia (Enver Hoxha) Cr\$ 1.200,00
- Farabundo Martí, herói de El Salvador Cr\$ 600,00
- Guerrilha do Araguaia Cr\$ 3.000,00
- F de fogo e fuzil (Sidney Wanderlei — poesias) Cr\$ 1.000,00
- Princípios nos 3, 4, 6 e 7 Cr\$ 800,00
- exemplar
- Coleção encadernada da revista Princípios, nºs 1 a 5 Cr\$ 6.000,00

Pedidos à Editora Anita Garibaldi Ltda., com envio de cheque nominal no valor da compra. Rua Major Quedinho, 300, sala 3, CEP 01050, Bela Vista, São Paulo, Capital.

Comunicado do C.C.O.

Devido às dificuldades que vem enfrentando com os aumentos de aluguel, taxas de luz, impostos, etc., o Centro de Cultura Operária de São Paulo faz um apelo a todos os seus sócios no sentido de que regularizem sua situação perante a entidade, até o dia 24 de março próximo.

interessados no desenvolvimento da cultura e do pensamento nacional, democrático e progressista a se filiarem ao CCO. Estamos à disposição de todos os interessados, das 16 hs. às 19 hs., de segunda a sexta-feira, na sede da entidade, rua Maria José, 326, telefone 36.8676. Bela Vista, São Paulo. José Duarte, presidente do CCO.)

Centro de Documentação e Biblioteca Fundação Maurício Grabois

Piauí e Maranhão querem votar

Com mais de 30 mil populares presentes na Praça Marquês de Paranaguá, em Teresina, e 15 mil na Praça Panteon, em São Luís, dias 13 e 14, a campanha por eleições diretas para presidente continua a galvanizar multidões. E os discursos sobem de tom, por imposição do próprio público, apesar dos rosnados contra as diretas que vêm do Planalto.

A caravana de líderes nacionais oposicionistas que esteve nas capitais do Piauí e do Maranhão era composta pelos presidentes do PMDB, PT e PDT, além do líder do PMDB na Câmara dos Deputados. No palanque, em Teresina, estavam também o senador e ex-governador Alberto Silva, os presidentes da OAB-Piauí e do Diretório Central dos Estudantes, vários deputados, representantes de associações de bairro e de outras entidades.

Estimulados pelo entusiasmo oposicionista do povo, os oradores em sua maioria pediram o fim do regime e um novo governo — "um governo com a participação popular, que possa romper os acordos com o FMI e suspender o pagamento da dívida externa", como disse o vereador Osmar Júnior (PMDB).

Ulysses Guimarães e Lula destacaram a situação dramática dos nordestinos, citando a recente denúncia do deputado piauiense Wall Ferraz: "O que está ocorrendo com o povo nordestino por decorrência da fome e da miséria é a criação de uma sub-raça de homens baixos de crânio pequeno". Em nome dos suplentes de deputado estadual, Kleber Montezuma advogou a legalização do Partido Comunista do Brasil, enquanto a Comissão pela Legalidade do Partido, cuja presença foi anunciada no ato, fazia farta distribuição de uma nota em apoio às eleições diretas.

A grande mobilização começou às 20 horas e foi quase até meia-noite, sem que o povo deixasse a praça. E ficou desmascarada a declaração hipócrita do ministro da "Justiça", Abi Aekel, de que o povo só vai às manifestações pelas diretas para ouvir artistas famosos. Um show da popular



cantora Elba Ramalho, realizado no mesmo horário e a apenas dois quarteirões da praça onde se realizava o comício, reuniu um público quatro vezes menor.

Quatro vezes mais gente que no show de Elba

Em São Luís do Maranhão, a chuva que vez ou outra caía sobre a praça não impediu que mais de 15 mil pessoas se acotovelassem para participar do comício. A multidão gritou várias vezes "Queremos eleger o presidente do Brasil" e se animava sempre que os oradores tocavam no fim do regime que há 20 anos infelicitava o povo brasileiro.

O ato foi preparado pelo PMDB, com a participação do PDT, PT Comitê Estadual Pró-Eleições Diretas, Comissão pela Legalidade do PC do Brasil, entidades sindicais, estudantis e democráticas. Precedido de vários comícios-relâmpago nos bairros e de uma grande "carreata" (passeata de carros), foi marcado pela participação, que começou desde a manhã.

Além dos dirigentes nacionais, vários líderes do Estado se manifestaram — no total 34 discursos. O deputado estadual Luís Pedro assinalou "a disposição do povo em prosseguir na luta até conseguir eleições diretas, o fim do regime militar e a conquista de amplas liberdades políticas, inclusive a legalidade para todos os parti-



O comício dos 30 mil em Teresina: o povo pediu firmeza nos discursos

dos que estão hoje na semi-clandestinidade". Falou também um representante da Comissão Estadual pela Legalidade do PC do Brasil, que destacou a necessidade da "unidade do povo, independente de convicções políticas e religiosas, com o objetivo de pôr fim ao regime militar".

O povo procurou as bandeiras do PC do Brasil

A participação aberta dos comunistas, pela primeira vez no Maranhão, incluiu, afora as faixas, bandeiras e um gigantesco estan-

darte vermelho, a distribuição de adesivos e a venda de camisetas pela legalidade do PC do B. O povo procurou avidamente os adesivos e bandeirinhas do partido.

Em Natal o grande comício pelas diretas está marcado para o dia 25, mas já na sexta-feira, dia 10, havia 4 mil pessoas nas ruas, em passeata promovida pelo Comitê Pró-Diretas, com caráter preparatório.

Além do tradicional "Diretas já!", as faixas, bandeiras e palavras de ordem exigiam: "Fora Figueiredo e o regime militar!". E foi cantada uma música dizendo: "Tá com medo, seu João/ Chegou a hora da eleição/A gente pede, ele não dá/Vamos ver como é que vai ficar/Em abril o Brasil todo vai parar/Pra acabar a ditadura militar". (das sucursais)

OPINIÃO

A força das multidões

É bom notar que o PDS ganhou as eleições de 1982 no Piauí, e no Maranhão venceu até na capital. Muitos dos deputados federais eleitos pela legenda governista devem estar se perguntando a esta hora quantos de seus eleitores estão aderindo às multidões que acorrem aos comícios pelas diretas, seja em São Paulo ou em Teresina, em Estados governados pelas oposições ou pela situação. E devem se interrogar também quantos votariam neles nas próximas eleições, ca-

so contrariam frontalmente a vontade da Nação e apóiem o Colégio Eleitoral biônico de Figueiredo.

A excepcional dimensão de massas desta campanha, nunca vista no Brasil, tem assim uma dupla função. De um lado aglutina as forças capazes de pôr abaixo os donos atuais do poder. De outro, desagrega, corrói e desmoraliza o esquema governista de sustentação. Por isto ela é, hoje, a principal forma de dar combate e de dar fim ao regime militar.

Prefeito ocupa empresas de ônibus

Agindo com firmeza e apoiado no povo de São Paulo, o prefeito Mário Covas interveio em 12 empresas de ônibus para quebrar a petulância dos capitalistas, que ameaçavam tirar os carros da linha se a Prefeitura não aumentasse as tarifas. Na opinião do vereador Walter Feldman, foi a medida administrativa mais importante da gestão do PMDB até agora.

O tiro que os empresários queriam disparar contra o bolso do povo saiu pela culatra. Eles tentaram o velho expediente de ameaçar a retirada de parte dos ônibus das ruas para forçar o aumento das tarifas. Mas não contavam com a atitude enérgica de Mário Covas.

Cerca de 6 milhões de pessoas viajam diariamente nos ônibus urbanos de São Paulo. Destas, 4,3 milhões são transportadas pelas 38 empresas particulares que têm concessão para funcionar no município. Uma retirada dos ônibus, mesmo parcial, jogaria o caos na cidade. Além disso, as exigências dos capitalistas são descabidas. Só em 1983 houve seis aumentos nas tarifas, que saltaram de Cr\$ 60,00 para Cr\$ 150,00. Dessa vez a ousadia patronal foi maior ainda: chegaram a publicar uma matéria paga nos principais jornais da cidade, sexta-feira, dia 11, anunciando

de público o *locoute* para dali a três dias, coincidindo com a volta às aulas.

PREFEITO DÁ O TROCO

A imediata reação de Mário Covas a essa afronta angariou a simpatia da população e deixou os empresários na defensiva. No mesmo dia em que saiu o anúncio, Covas, com apoio do governador e de vários vereadores, iniciou pessoalmente as intervenções nas garagens e escritórios das empresas. Ao fim de cinco dias, 12 das 38 concessionárias estavam sob a direção de funcionários da CMTC (Companhia Municipal de Transportes Coletivos). As demais empresas, até o fechamento desta edição, não haviam ousado levar à prática a ameaça de *locoute*.

"A MAIS IMPORTANTE"

O vereador Walter Feldman (PMDB), membro da Comissão Especial de Inquérito dos Transportes, acompanhou o prefeito

na primeira empresa a sofrer intervenção e explicou à Tribuna Operária o que pensa da medida: "A nível administrativo foi a medida mais importante tomada pela gestão do PMDB. Mostra que o poder público tem autoridade para intervir quando as empresas não cumprem os contratos. Os empresários de ônibus são uns irresponsáveis, pois só pensam no lucro. Uma série de normas entre a CMTC e as empresas não são respeitadas por eles. Os empresários vivem brincando com a população e esta intervenção foi um grande passo para se repensar o problema do transporte urbano".

ESCRAVOS DO VOLANTE

A sede de lucro dos patrões cria também sérios riscos para os passageiros. João Alves, diretor do Sindicato dos Motoristas de São Paulo, denuncia à Tribuna que, embora o povo pague, e caro, "as empresas privadas não compram ônibus novos. A média de idade dos ônibus da CMTC é de seis a sete anos e nas empresas particulares de dez a quinze anos". E Nabi Abi Chedid, ex-secretário municipal dos Transportes na gestão do PDS, presta um testemunho insuspeito: "Poderia dizer, como empresário, que grande parte da frota, talvez, eu não tivesse coragem de colocar na rua para transportar os passageiros de São Paulo".

O vereador Feldman aponta também que os motoristas e cobradores "trabalham em regime de semi-escravidão, 15, 16 e até 17 horas por dia". Muitos destes escravos do volante receberam com euforia a chegada dos interventores, mesmo sendo ameaçados pelos patrões. Na empresa Alto do Pari, um funcionário exclamou: "Espero que agora as autoridades possam encontrar provas das irregularidades que os empresários cometem, como não incluir no *hollerith* as horas

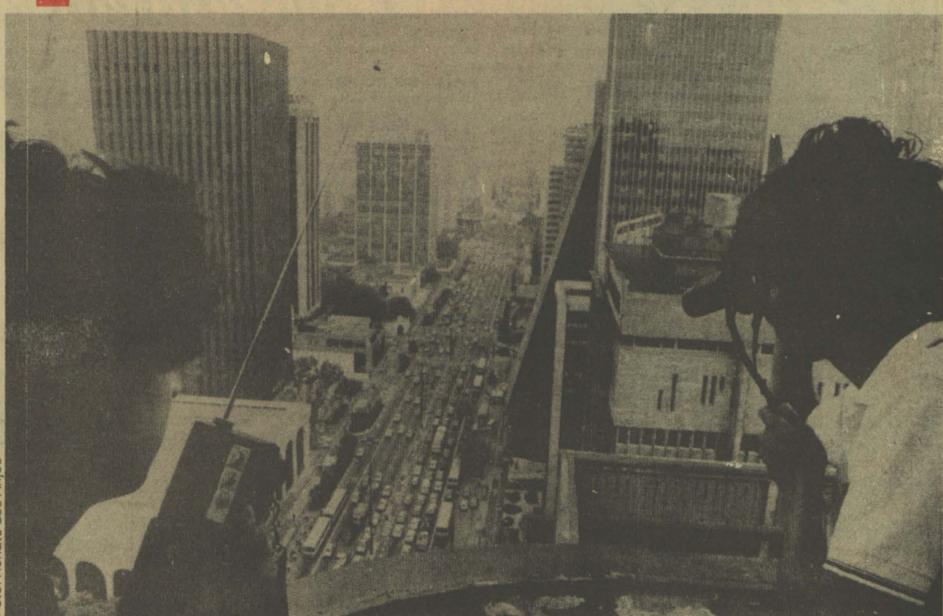


Foto: Renato dos Anjos

Funcionários do governo municipal controlam o trânsito de ônibus para impedir a sabotagem patronal

extras, deixando assim de recolher INPS e Fundo de Garantia das 14 ou 15 horas que trabalhamos a mais". (Domingos Abreu)



Foto: Luis Carlos Leite

Walter Feldman: apoio à intervenção

A solução é estatizar

Durante a "batalha dos ônibus", um trabalhador da Viação Santa Cecília comentava: "Estamos rezando para que agora, depois da intervenção, a CMTC encampe as empresas, pois é a única forma de trabalharmos com dignidade". Com o incidente, retorna à baila a velha reivindicação popular da estatização do transporte coletivo.

Por enquanto, o que há é privatização. Em 1952, a CMTC transportava 90% dos passageiros de São Paulo; em 1974, esta taxa caiu para 14% e hoje se recupera lentamente,

estando em 28%. João Alves, do Sindicato dos Motoristas, acha que estatizando haveria "condições de melhorar os salários, contratar novos motoristas e comprar ônibus novos". E sugerem um funcionamento como o do metrô e dos trens suburbanos, nos quais o Estado subsidia a passagem para não penalizar o passageiro, que atualmente consome 15% de seu salário com transporte. O vereador Feldman julga que a intervenção permitiria inclusive coletar dados que possam dar passos efetivos no sentido da estatização das empresas de ônibus.



Foto: Luis Saez Parra

Mário Covas durante a batalha contra o aumento abusivo das tarifas